

Braúlio Amado
Wolfgang Tillmans
Encenadores PT
Beyoncé

50

PARO

DIRECTOR

Francisco Vaz Fernandes
francisco@parqmag.com

EDITOR

Teresa Melo

COORDENAÇÃO DE MODA

Daniel Ribeiro
Sérgio Simões

DIRECÇÃO DE ARTE

Valdemar Lamego
v@k-u-n-g.com
www.k-u-n-g.com

PERIODICIDADE: Bimestral

DEPÓSITO LEGAL: 272758/08

REGISTO ERC: 125392

EDIÇÃO

Conforto Moderno Uni, Lda.
NIF: 508 399 289

PARQ

RUA QUIRINO DA FONSECA, 25 - 2ºESQ.
1000-251 LISBOA
T. 00351.218 473 379

IMPRESSÃO

EURODOIS
12.000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO

Conforto Moderno Uni, Lda.
A reprodução de todo o material é expressamente proibida sem a permissão da Parq. Todos os direitos reservados.
Copyright © 2008 — 2015 PARQ.

ASSINATURA ANUAL

12 euros

TEXTOS

Ana Rodrigues
António Pereira Ribeiro
Carla Carbone
Carlos Alberto Oliveira
Diogo Simão
Francisco Vaz Fernandes
Henry Sequeira
Joana Teixeira
Marcelo Marcelo
Maria São Miguel
Mariana Viseu
Pedro Lima
Roger Winstanley
Rui Miguel Abreu
Sara Bernardino
Teresa Melo

FOTOS

Ana Ferraz
Ana Luísa Silva
Andy Dyo
António Medeiros
Carlota Andrade
Ismael Prata
Telma Correia

STYLING

Diogo Ribeiro
Joana Borger
Morgana Andrade
Sérgio Simões

EDITORIAL

NÚMERO 50

O número 50 na vida de uma pessoa é uma vida. Numa revista, depende. Em oito anos, 50 edições é evidentemente um longo caminho que não vamos deixar de querer celebrar. Nesta edição, chamamos para tema principal, **BRÁULIO AMADO**. Ilustrador e designer português, tem alcançado grande sucesso nos EUA e desde cedo teve uma ligação afetiva com a PARQ, colaborando durante alguns anos com a revista. Hoje, mantém essa relação vital entre Nova Iorque e Lisboa. **WOLFGANG TILLMANS** é outro dos nossos destaques, porque nesta edição 50 também é necessário festejar a irreverência e o espírito jovem, sempre a reinventarem-se. Tudo o mais é para descobrir. O melhor que vai acontecer por cá e lá fora e que queremos partilhar com os nossos leitores. O tempo aqueceu e nada melhor que estar ao ar livre com a tua PARQ.

por Francisco Vaz Fernandes

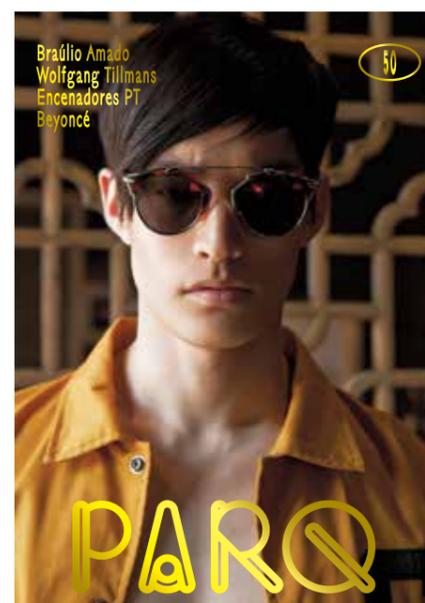


KRISTINA: brincos CHEAP MONDAY, fato de banho TOMMY HILFIGER, casaco TWIN SET

fotografia por Ismael Prata
styling por Daniel Baptista Ribeiro & Joana Borges
make-up & hair por Paulo Varela

modelos @ L'Agence
Kristina
Dukin

DUKIN: óculos DIOR na André Ópticas, casaco CARHARTT



YOU MUST

| | | |
|-------|---------------------------------------|-------------------|
| 04 | Cereal Killer Cafe | Food |
| 06 | Let them eat cake | Food |
| 08-09 | Urquiola | Design |
| 10 | Miguel Jacobetty Rosa | Design |
| 12 | Arroios Film Festival + Skookum Films | Cinema |
| 14 | Freunde von freuden | Arte |
| 16 | Ready for more -Rod Zayas | Moda / Ilustração |
| 17 | Jerry the Cat | Música |
| 18 | Daino | Música |
| 19 | 10 Discos | Música |
| 20-21 | Patrícia Shim & Fii | Moda |
| 22 | Undressed | Moda |
| 23 | Sr. Prudêncio | Moda |
| 24 | André Mendes | People |
| 25 | Nuno Barracas | People |
| 30 | Shopping | Moda |

SOUNDSTATION

| | | |
|-------|-----------|--------|
| 32-33 | Beyoncé | Música |
| 34-35 | PJ Harvey | Música |

CENTRAL PARQ

| | | |
|-------|--------------------|------------|
| 36-39 | Jovens Encenadores | Teatro |
| 40-43 | Wolfgang Tillmans | Fotografia |
| 44-47 | Bráulio Amado | Design |

FASHION

| | | |
|-------|-----------|------|
| 48-55 | C2H4 | Moda |
| 56-63 | Tang Time | Moda |

PARQ HERE

| | | |
|----|-----------------------|-------|
| 64 | Palácio Chiado | Place |
| 65 | Bica do Sapato | Place |
| 66 | Bop Café + Fred Perry | Place |

www.
parqmag.
com

2008 8 2016

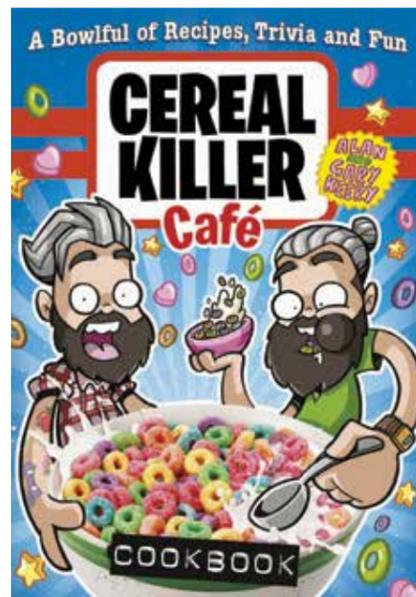
PARQ

50

Os gémeos ALAN e GARY tomaram Londres de assalto de tigela e colher na mão! Em 2014 abriram *Cereal Killer Cafe* na zona hip de Shoreditch, o primeiro espaço na capital inglesa onde se pode comer cereais com leite a qualquer hora do dia. Decorado com nostalgia e resquícios de infância, neste café as cadeiras dão lugar a camas de ferro dos anos 90 e as prateleiras têm 120 caixas de cereais à disposição, a serem mergulhados em 30 tipos de leite e adornados com 20 toppings diferentes, entre chocolates, gomas e fruta.

Apesar da chuva de críticas contra os preços praticados, este é um dos refeitórios mais cobiçados da cidade, acordando todos os dias com uma fila à porta. Adorado ou odiado, o sucesso do Cereal Killer Cafe está no seu conceito curioso que atrai o estômago de centenas de pessoas todos os meses. Recentemente, os gémeos mais procurados de Londres inauguraram um segundo espaço em Camden Town para dar resposta a este boom de procura por marcas de cereais internacionais e leite com sabores.

Lisboa, já estás de colher em punho?



Cereal Killer Cafe

texto por Joana Teixeira
foto por Ray Tang

www.cerealkillercafe.co.uk



Alan & Gary @ Cereal Killer Cafe



Ipanema WITH STARCK®



www.ipanemawithstarck.com

SHOP ONLINE
starck.ipanemaportugal.com



Devil's Food by Scott Hove

SCOTT HOVE é a Maria Antonieta das galerias de arte, o Tim Burton da pastelaria, o autor de um saboroso universo artístico apresentado em camadas de açúcar.

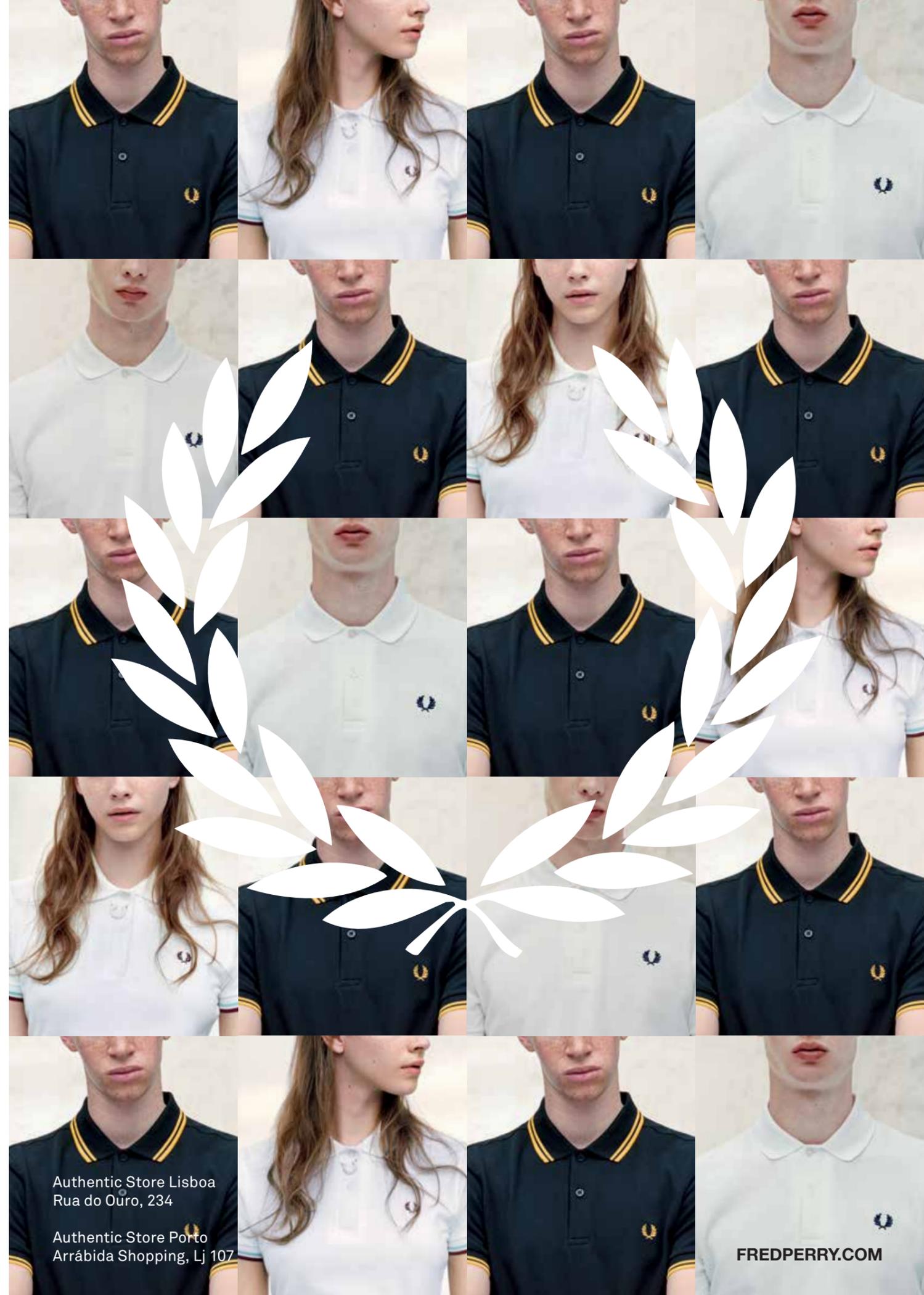
Os bolos são a matéria-prima deste artista californiano, que procura cozer no seu forno criativo esculturas esteticamente deliciosas, mas conceptualmente perigosas. A sua mais recente exposição em Los Angeles, *Break Bread*, abriu ao público seis salas recheadas de glacé cor-de-rosa e chantilly; com paredes, tetos e candeeiros forrados com bolos e adornados com cerejas. Um calórico labirinto de instalações, onde a beleza do açúcar se fundiu em perigosas esculturas com mandíbulas de tigre, chifres e canivetes envolvidos em pão-de-ló.

SCOTT HOVE tem camadas de decadência e doce sedução para oferecer, explorando o conceito de gula como um vício que se traduz em satisfação, sendo ao mesmo tempo nocivo.

O artista está neste momento a trabalhar na sua próxima obra de pastelaria artística, a ser exposta na galeria Heron Arts em São Francisco.

Let them eat cake

texto por Joana Teixeira



Authentic Store Lisboa
Rua do Ouro, 234

Authentic Store Porto
Arrábida Shopping, Lj 107



www.spaziopontaccio.it

www.patriciaurquiola.com

fotos Fabrizio Annibali



Patricia Urquiola

VS

Federico Pepe



Um raio de luz

texto por Carla Carbone

Credenza é uma coleção que celebra a cor e a linha. Um ritual livre de objeto e grafismo. Felizmente, de vez em quando, os designers lembram-se de unir os dois. A cor, que se expande generosamente sobre os objetos, preenche vigorosamente a superfície transparente, delimitada pelas linhas negras e espessas de acento geométrico.

A coleção *Credenza* foi desenhada por PATRICIA URQUIOLA em colaboração com o designer gráfico FEDERICO PEPE, na parte da ilustração e grafismo. Após anos em que se criaram diatribes em torno do que era decorativo, já não constitui um impedimento nem um constrangimento para a criação, nem tão pouco anula o que hoje se entende por design, no que à definição do mesmo se refere. Como a mesma era encarada nos anos 50, quando o conceito de “*bom design*” consistia, segundo EDGAR KAUFMANN JR., em ser “*simples*,

a estrutura evidente na sua aparência, evitando enriquecimento histrionico”.

A coleção, que teve a sua estreia no Salone de Milano, inclui armários, mesas e até janelas e foi desenhada propositadamente para a loja Spazio Pontaccio em Milão.

As peças patenteiam o esforço de artesãos italianos na arte de bem unir vidros. Recuperando uma prática há muito esquecida, a designer avivou o vitral na sua técnica mais específica: “*pedaços finos de metal são derretidos entre fragmentos de vidro*” colocados de modo a encaixarem segundo padrões previamente desenhados.

ALBERTO PELLINI, o diretor da loja Spazio Pontaccio, fascinado por vitrais de igrejas, chegou à fala com FEDERICO PEPE, desabafando sobre os gostos e pretensões. Queria fazer algo a partir desse fascínio, um projeto. PEPE, por

esse motivo, falou com URQUIOLA, e foi assim que as peças surgiram – “*e de uma forma inesperada*”, diz-nos PELLINI.

PATRICIA URQUIOLA tomou como ponto de referência as janelas de DUCHAMP, “*Broyeuse de Chocolat*” e as janelas de GERHARD RICHTER, com os seus padrões de quadrados repetidos. Para a designer, as boas ideias levam o seu tempo para amadurecer.

URQUIOLA admite que *Credenza* é um projeto com múltiplas histórias em aberto: “ *Talvez para o ano surja um trabalho mais figurativo*”.



www.galeriabessapereira.com

www.mude.pt

Miguel Jacobetty Rosa



Na Senda da Obra Total

texto por Carla Carbone

MIGUEL JACOBETTY ROSA pertence a uma geração de arquitetos portugueses que defendia a obra total. Não só desenhavam a casa como aspiravam à criação global. O desenho de móveis e a iluminação passavam assim a fazer parte integrante no projeto destes profissionais. Muito também por falta de resposta do mercado da época, no que ao mobiliário diz respeito. Estávamos nos anos 50.

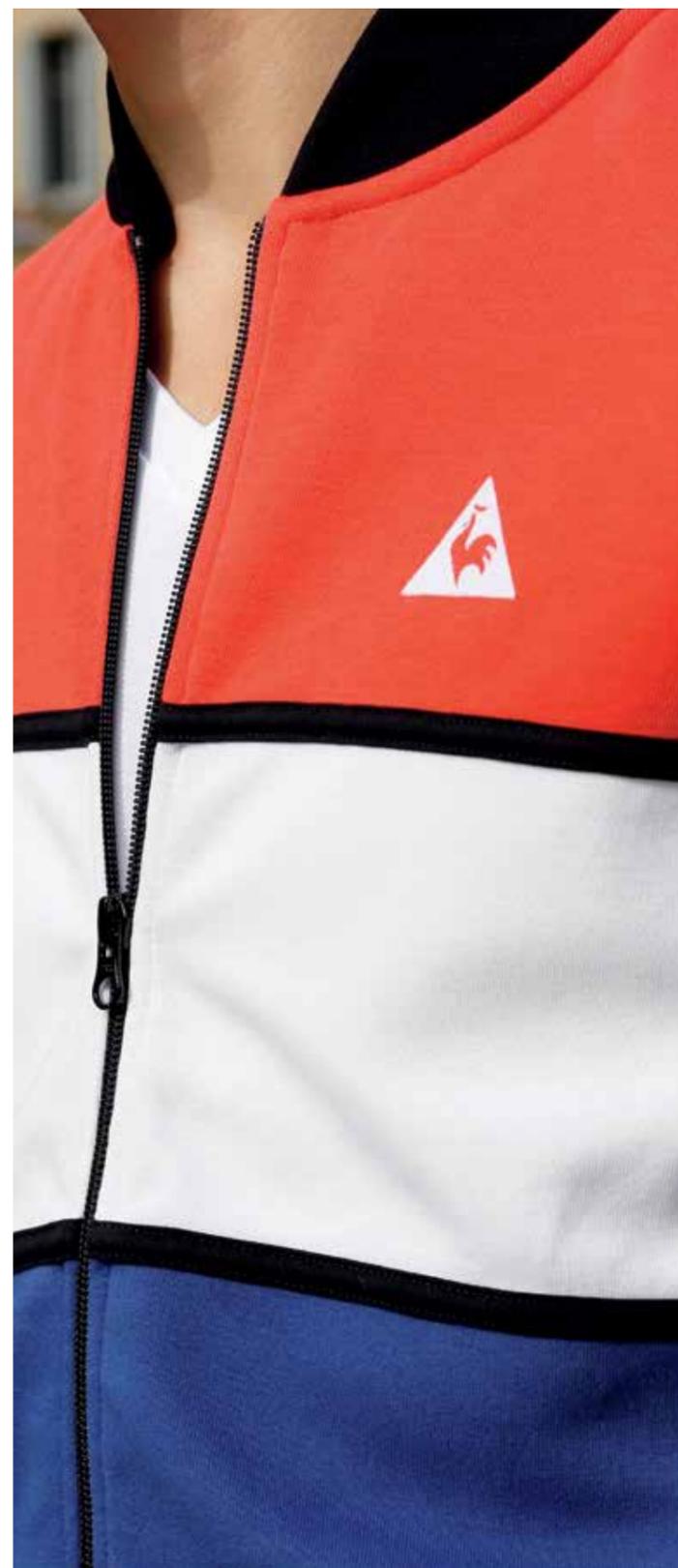
Foi a pretexto deste espírito de obra total que JACOBETTY ROSA chegou ao desenho do miolo da residência de MIGUEL MARTINS. Ao que parece JACOBETTY era amigo do proprietário da casa e, uma vez que MIGUEL MARTINS se ia casar, ofereceu-se para desenhar os móveis, ganhando assim,

uma oportunidade única para experimentar, em plenitude, todas as dimensões contempladas na sua atividade.

O mobiliário concebido correspondia à linha perseguida na altura: racionalidade e funcionalidade. A industrialização dos objetos foi finalmente assumida e a febre do consumo começava a irromper.

As peças podem ser apreciadas no Museu MUDE até Junho de 2016, por meio da reconstituição do escritório de MIGUEL MARTINS, e ainda na Galeria Bessa Pereira, onde se pode ver todo o espólio da casa desenhado pelo arquiteto. Produzidas pela fábrica de mobiliário da Praia da Granja, a Madeira & Móveis Lda., as obras terão sido doadas por MARIA DO ROSÁRIO CAIRES MARTINS ao MUDE.

JACOBETTY ROSA foi um arquiteto de destaque tendo deixado obra de relevo, no período do Estado Novo. Com vários prémios Valmor, projetou o edifício de habitação na Avenida António Augusto Aguiar, ao estilo nacionalista. Destacou-se pela construção do Estádio Nacional do Jamor e pela edificação de uma das primeiras Pousadas de Portugal, Santa Luzia.



LECOQSPORTIF.COM



Arroios Film Festival

texto por Teresa Melo



A sétima arte é uma ferramenta poderosa no que toca à consciencialização e promoção de linguagens, práticas e olhares universais. Neste sentido, ARROIOS FILM FESTIVAL, uma iniciativa singular da Junta de Freguesia de Arroios, traz a Lisboa de 1 a 8 de julho a mais significativa produção de cinema contemporâneo através da apresentação de filmes oriundos dos mais diversos pontos do globo. Contar uma história é o melhor ponto de partida para partilhar referências comuns. Pela primeira vez na rota internacional dos festivais de cinema,

o tema seleccionado para esta edição é a inclusão, na amplitude do seu valor. Religioso, cultural, económico ou outro, pretende-se revelar de que forma este conceito é interpretado pelas diferentes nacionalidades participantes. Numa programação que se distingue por uma presença multi-cultural muito forte, sessenta curtas-metragens internacionais de ficção, animação e documentário competem entre si no Auditório Camões. Serão exibidas igualmente uma Mostra Não Competitiva e uma Sessão Infantil, ambas apresentadas no Mercado de Culturas.

Ademais, a participação de diversas associações locais como o Crew Hassan, a Casa Independente, a Taberna das Almas e a Associação Pessoa e Companhia complementam a semana com eventos especiais. Está também programada a inauguração de uma exposição de fotografia com a curadoria do Instituto Português de Fotografia, a acontecer no Mercado de Culturas. Todas as sessões são de entrada livre. Para mais informações sobre o festival podes visitar o site oficial: www.arroiosfilmfestival.com.

Skookum Films

texto por António Pereira Ribeiro

“Confiáveis, fortes, corajosos e capazes”, é assim que o realizador NUNO SÁ PESSOA define o grupo que constitui a SKOOKUM FILMS, produtora que recorreu ao léxico de uma tribo norte-americana para encontrar a sua designação. Tudo começou na cidade dinamarquesa de Ebeltoft, onde fica a conceituada European Film College. Por lá estudaram NUNO SÁ PESSOA, o designer gráfico californiano SAMUEL ANDERSON e o guionista dinamarquês KRIS SKOVMAND. O trio começou a trabalhar em Portugal no final de 2011, e mais recentemente virou quarteto, com a entrada de SARA MOURA, atriz de formação e responsável pela coordenação artística dos



Terra 2084, (2014)

projetos. A SKOOKUM FILMS conta na sua filmografia com uma mão-cheia de curtas-metragens, presentes em dezenas de festivais de cinema um pouco por todo o mundo, desde a Malta até à Gâmbia. “Todas as pessoas, todos os países, todas as culturas e todos os festivais são importantes para nós e merecem o nosso respeito. Queremos que os nossos filmes sejam mostrados e vistos no maior número de sítios e pelo maior número de pessoas”, explica NUNO SÁ PESSOA. A curta-metragem Terra 2084 (2014), protagonizada por FERNANDO LUÍS, apresenta-se como a obra de maior reconhecimento da produtora até agora, tendo sido inclusive premiada em

Portugal, Estados Unidos e Roménia. Mas não é apenas no cinema que a SKOOKUM FILMS se move. Televisão, publicidade, e todas as restantes áreas relacionadas com o vídeo merecem a atenção de uma produtora que se recusa a enveredar pelo trilho da autocomiseração. “Não nos devemos lamentar constantemente. Existem outros caminhos à vista e muitos por descobrir. É mais fácil encontrar velhas justificações para o insucesso do que encontrar novas soluções para o sucesso”. Por falar em alternativas, a primeira longa-metragem da produtora já está em preparação, e tanto NUNO SÁ PESSOA como os seus colegas esperam que seja “a tal”.



Conheça a nossa coleção Primavera / Verão 2016 e os seus novos modelos surpreendentes. Tudo com a qualidade habitual da nossa palmilha única em duas larguras. Deixe-se inspirar. BIRKENSTOCK. O original.

birkenstock.com

BIRKENSTOCK®



Freunde von Freunden

texto por Francisco Vaz Fernandes

www.freundevonfreunden.com

Freunde von Freunden – ou amigos de amigos, em português – é proposta do website criado por FREDERIK FREDE, TIM SEIFERT e TORSTEN BERGLER que, desde 2009 tem mantido com consistência o propósito de mostrar todo o trabalho desenvolvido no seu atelier de design em Berlim. No fundo, é um site empresarial, que recusou ser uma mera vitrina e procurou ser um reflexo do universo que os rodeia sem se dirigir exclusivamente a clientes. Neste site podemos encontrar entrevistas a criativos de várias partes de mundo, mais ou menos conhecidos, mas

sempre retratados em casas ou locais de trabalho. A única exigência para estar incluído é ser amigo de um amigo, o que de acordo com a teoria dos seis graus de separação poderá não ser um impedimento. A produção fotográfica é sempre de uma qualidade de excelência, mesmo sem optar por espaços meticulosamente compostos – como é habitual nas revistas de interiores. A ideia é criar um retrato de pessoas que possam ser verdadeiras fontes de inspiração tanto para o atelier como para os seus seguidores.



24º Festival
Internacional
de Cinema

ORGANIZAÇÃO



APOIO



Ready for More

by Rod Zays

texto por Francisco Vaz Fernandes



www.converse.com

RODRIGO ZAYAS é um super-herói para a geração pós-milurista espanhola que, de uma forma geral, chegando à idade adulta viu-se confrontada com o desemprego. ZAYAS ultrapassou o eminente pânico, deixando viver o sonho de infância povoado de deuses da banda desenhada e do “wrestling”. Os livros da Marvel passaram a ser a sua bíblia e as tardes de golpes da Tele 5, a sua escola. Nunca viu incompatibilidades entre desenhar e lutar, tudo pertencia ao mundo do Olímpio. Depois de muitos rascunhos enviados à Marvel, um dia foi chamado para desenhar a saga de alguns dos seus heróis mais queridos e até criar novas personagens.

Contudo, ZAYAS nunca esqueceu o wrestling e faltava-lhe criar uma nova personagem: ROD ZAYAS que estaria pronto a brilhar em combate quando pousasse os lápis. Porém, sem tradição

em Espanha, o caminho para o ringue parecia complicado. Juntamente com quatro fanáticos, formou o *Triple W*, o primeiro clube de wrestling em Espanha, que trouxe profissionais norte-americanos e britânicos para os treinar. Hoje *Triple W* dá formação a jovens e desde 2010 começou a organizar espetáculos de wrestling que inicialmente juntavam 200 pessoas. Hoje, facilmente consegue encher a sala, com 1000 a 1500 pessoas. O ROD ZAYAS é obviamente um dos heróis dessas noites de arte e luta, mas tem planos para mais. Por essa razão a CONVERSE Ibéria viu nele o perfeito embaixador da campanha “Ready for more”, a pensar numa geração inconformada. A apresentação da coleção da marca em Madrid foi o momento para mostrar ZAYAS, numa exposição privada que teve direito a uma atuação de ROD ZAYAS.



Vivemos tempos em que o Berghain nunca foi tão mainstream. Até CLAIRE DANES subiu para cima do sofá e falou da sua experiência no programa da ELLEN. Como tal, é altamente provável que uma ou outra velhota do Alabama a Lamego o “conheça”.

O techno continua na moda, resultado em grande parte pela publicação *Resident Advisor*. Apesar da influência de Berlim na cena clubbing mundial, o techno nasceu em Detroit. Acredita-se que o primeiro disco tenha surgido em 1981 (discutindo-se se o primeiro foi “Sharevari” de A NUMBER OF NAMES ou “Alleys Of Your Mind” dos CYBOTRON). Por isso, é impossível esquecer a importância que Detroit teve e tem no género. Em Portugal, festivais como o LISB-ON #JardimSonoro, NeoPop e clubes como o Lux Frágil, MINISTERIUM, Indústria e o Gare não esquecem esta cidade quando convidam artistas como JEFF MILLS, DERRICK CARTER, CARL CRAIG ou UNDERGROUND RESISTANCE.

Jerry the Cat

texto por Marcelo Marcelo
fotografia por Telma Correia

É importante recordar que esta cidade não foi nem é apenas techno. Foi e é blues, rock, soul, r&b, hip hop, funk, punk, house e jazz, sem ordem e tudo misturado. Como é que este território americano se tornou tão prolífico a nível musical? Agradeça-se ao senhor HENRY FORD e a toda a indústria automóvel que nasceu no início do século XX. Desta forma, a cidade tornou-se um Oásis cheio de oportunidades de emprego, com a natural consequência de um aumento da migração populacional de várias zonas dos Estados Unidos e do Mundo. Motorcity ou Motown, tornaram-se o segundo e o terceiro nome desta cidade melting pot e a música uma outra “indústria” paralela.

JERRY THE CAT mistura-se na história desta cidade. Nascido em 1950, conheceu o legado musical e viu a música evoluir por todos os lados. Esteve lá e fez e faz parte dela! Aos 12 anos comprou e começou a tocar bongos, foi crescendo e passou por várias bandas de jazz, de covers de R&B e funk. O primeiro concerto em que recebeu dinheiro foi em 1965, com PSYCHEDELIC SOUL SISTERS que era liderado por NORMA JEAN BELL –sim, a mulher por trás da editora *Pandamonium* e da faixa “I’m the baddest bitch (in the room)” que o MOODYMANN remisturou e todos nós dançámos. “Eram tempos em que qualquer miúdo tocava ou cantava”. Em 1968, JERRY era um deles e conheceu pessoalmente os míticos PARLIAMENT/FUNKADÉLIC e tocou com eles umas vezes.

Mais tarde, em 1987, já professor de matemática, foi incentivado pelos alunos a ouvir house e a visitar uma associação cultural onde uma nova música de dança era a banda sonora. Foi no Music Institute que descobriu o techno e conheceu DERRICK MAY, ALTON MILLER e viu KEVIN SAUNDERSON, entre outros! Na mítica associação e clube (Music Institute) o cenário era bem diferente do que estamos atualmente habituados nos clubes: “não havia álcool nem drogas. A comunidade era bastante jovem e estavam lá por causa da música e os mais velhos não eram vistos como estranhos, havia um sentido de partilha e comunhão.”

JERRY passou a fazer parte da cena e tocou com e para discos de vários amigos: CARL CRAIG, KENNY DIXON JR. (MOODYMANN), SCOTT GROOVES, THEO PARRISH e RECLOOSE são apenas alguns deles. Além destas colaborações, produziu os seus também, tendo editado na mítica *Sound Signature* de THEO PARRISH.

A vida de JERRY THE CAT cruza-se com a de Lisboa no final de 2008, onde se sente em casa. É nesta cidade que conheceu VAHAGN, produtor que numa noite chuvosa meteu um microfone à sua frente e fez a farsa que levou JERRY a estender-se além da produção, da percussão e do Djing e dar a voz a LISBON ALLIEN ORCHESTRA (de ARTTU e JARI MARJAMÄKI, também conhecido como ZENTEX), a VAHAGN no seu disco “*Shades & Shadows*” na editora GROOVEMENT. Desde 2011, JERRY faz parte da banda GALA DROP e, desde 2012, da banda LOOSERS.

Quando perguntei ao JERRY o que irá acontecer no futuro, respondeu-me como um poeta que naturalmente é: “o futuro ainda não existe, por isso, quem sabe?” Resta-nos conhecê-lo melhor e aguardar a sua voz e as batidas das suas congas, bongos e caixas de ritmos num próximo concerto, DJ set ou disco. Respect!

Daino

texto por Marcelo Marcelo

www.soundcloud.com/dainomusic
www.mixcloud.com/dainomusic/

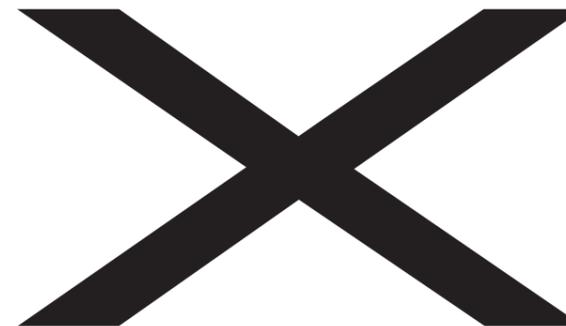


DAINO teve as primeiras aulas de piano aos 11 anos. Mais tarde, juntou-se à escola do Jazz. Aos 14, o pai mostrou-lhe um programa de produção de música eletrónica e abriu-se um novo e infinito universo de possibilidades. O seu primeiro disco a solo apenas é lançado em Dezembro de 2013, pela editora com raízes em Berlim e Innsbruck Blossom Kollektiv. Neste selo, DAINO apresentou-nos o EP *Around The Edges*, felicitado por pares estabelecidos como ROBERT DREWEK da RAWAX, TENSNAKE e FABRICE LIG. No ano seguinte, seguiu-se a edição de *Without Your Love* na TINK! Music. O disco nesta editora com estúdios em Lisboa, mas radicada em Amesterdão, revela uma melódica, atmosférica, criativa e orgânica combinação da sua paixão pelo funk, soul, jazz, breaks, hip hop, house e techno – como se UNDERGROUND RESISTANCE, MORGAN GEIST, as ESG e BUSH TETRAS se juntassem no estúdio para um E.P. em conjunto.

Agora, DAINO está de volta com um novo EP outra vez na TINK! Music. Em *Galactic*, prova uma vez mais que, apesar de jovem,

é digno da denominação de artista. Dotado de uma identidade própria, apesar de house e techno imerso nas sonoridades de Detroit, este nunca é uma cópia falsa, não é revivalista e, ainda menos, bolorento. Ironicamente o disco começa com o tema *Afterlife*, o que leva a acreditar que noutra vida morreu em Detroit e agora, em Lisboa, tem uma nova. Em *Eternity* DAINO expõe um tema atmosférico, para dançar de olhos fechados e para em coro abraçarmos os nossos melhores amigos. A viagem galáctica proposta termina com grandes, mas boas, atribulações: *Flux* é uma bomba e arrisco a dizer que é um dos meus temas de dança favoritos produzidos por um português pós-2010. É possível que tenham ouvido as faixas de DAINO na Rádio Oxigénio, no programa “Música com Pés e Cabeça” de RUI VARGAS, “Muitos Mundos” de ISILDA SANCHES ou no “Purpurina” de RUI ESTEVÃO na Antena 3.

DAINO é um nome da nova geração de produtores que ainda não chegou aos 30 anos, mas que já está entre os melhores e os já estabelecidos. Ouvidos à escuta!



texto por Carlos Alberto Oliveira

Sem qualquer ordem de preferência ou cronológica apresentam-se, figurativamente numa listagem, dez discos que prometem tornar os dias que se avizinham mais quentes e incrivelmente felizes.



I. A cantora Inglesa BETH ORTON, que nos anos 90 trabalhou com WILLIAM ORBIT e os CHEMICAL BROTHERS, regressa aos discos a 27 de Maio. Chama-se *Kidsticks* e sucede ao álbum *Sugaring Season* de 2012. Aliando sempre a elegância folk à eletrónica, e a avaliar pelo single de apresentação *1973*, espera-se um grande álbum.

II. A britânica RÓISÍN MURPHY, conhecida pela sua excentricidade, quer a nível visual quer a nível musical, já tem um sucessor para o seu disco *Hairless Toys*, lançado o ano passado, *Take Her Up To Monto*, que sairá a 8 de Julho pela editora Play It Again Sam. O tema *Mastermind* foi o primeiro do disco a ser divulgado.



III. A banda da irreverente ALISON “VV” MOSSHART e de JAMIE “HOTEL” HINCE, os THE KILLS editam o seu quinto álbum de originais *Ash & Ice* a 3 de Junho. *Heart Of A Dog* e *Doing it to Death*, são os temas divulgados até ao fecho da edição.

IV. O supergrupo MINOR VICTORIES, que reúne RACHEL GOSWELL dos SLOWDIVE, STUART BRAITHWAITE dos MOGWAI, JUSTIN LOCKEY dos EDITORS e JAMES LOCKEY cineasta dos HAND HELD CINE CLUB,

lança o seu álbum homónimo a 3 de Junho via Fat Possum nos E.U.A (e PIAS no resto do mundo). *A Hundred Ropes* foi o primeiro single a ser escutado. Entretanto, divulgaram outro tema do álbum *Scattered Ashes (Song for Richard)* com a participação de JAMES GRAHAM dos TWILIGHT SAD.

V. A americana RAMONA GONZALEZ, conhecida como NITE JEWEL vai lançar um novo álbum *Liquid Cool* a 10 Junho. Os singles *Boo Hoo* e *Kiss The Screen* aumentam a expectativa em relação ao sucessor de *One Second of Love*.



VI. *The Bride* é o sucessor do deslumbrante disco *The Haunted Man* de 2012. BAT FOR LASHES regressa aos discos, imediatamente após o lançamento de *Sexwitch*, projeto do ano passado com os TOY. *In God's House* já está em alta rotação nas rádios e podcasts em todo o mundo. 1 de Julho é a data a assinalar no calendário para mais um disco que se espera, no mínimo, fenomenal.

VII. Os incontornáveis indie-rockers BAND OF HORSES, conhecidos sobretudo pelo tema *The Funeral*, preparam-se para lançar em Junho o seu quinto longa duração *Why are you ok*. O single de apresentação *Casual Party* devolve o grupo aos registos de excelência da banda.

VIII. À procura de novas sonoridades, os australianos TEMPER TRAP colaboraram com PASCAL GABRIEL (LADYHAWKE, GOLDFRAPP), tentando no entanto manter o seu inimitável e reconhecido registo. A data para a chegada do novo disco é firmada para 10 de Junho. *Thick As Thieves* é o primeiro álbum em que os TEMPER TRAP trabalham com outros compositores fora da banda, tais como JUSTIN PARKER (LANA DEL REY, SIA, BAT FOR LASHES), BEN ALLEN (ANIMAL COLLECTIVE, DEERHUNTER) e MALAY, compositor e produtor de FRANK OCEAN em Channel Orange. *Thick As Thieves*, a faixa que dá nome ao álbum, está também já disponível em streaming e download, e revela-se um enorme sucesso. Também já é conhecido o tema *Fall Together*.

IX. Os franceses LE FEMME apresentaram já em Março o fantástico single *Sphinx*, sendo este ainda o primeiro avanço do seu novo álbum, que espera-se que seja editado em Setembro. À data do fecho da edição, ainda não eram ainda conhecidas as datas de lançamento nem o nome do disco.

X. Muito se tem especulado sobre o muito aguardado novo álbum de JAMES BLAKE, *Radio Silence*. Para além da já conhecida *Timeless*, mais nada se sabe sobre o disco. Pelo menos até ao fecho da edição.



< por Patrícia Shim
> por Fii

Patrícia Shim and Fii

texto por Henry Sequeira
fotografia por Ana Ferraz
produção por Henry Sequeira
modelos Maria Snow & Paula Vieira
make-up por Dylan Silva
styling por Patrícia Shim & Fii

Anualmente, a plataforma Bloom traz consigo uma amostra daquilo que está fresco nas passerelles nacionais. Este ano surgem nomes conhecidos, revelando-se uma estreia no Portugal Fashion muito antecipada. Contudo, mesmo após o concurso acabar e os resultados terem sido anunciados, tanto PATRÍCIA SHIM como FII continuam a deixar um burburinho no ar sendo denotadas pela sua inovação e conteúdo.

PATRÍCIA SHIM, 21 anos, estudante na Escola de Moda do Porto, não é novata no mundo da moda. Com trabalhos anteriores com a linha de lingerie "Jest une Autre", PATRÍCIA já trabalha com figurinos desde 2012, tendo o seu trabalho na companhia de teatro Efémora. Será certamente esta capacidade que a fez ser uma das selecionadas do Bloom. Nas palavras da mesma "foi a primeira coleção que criei e fui das selecionadas. Recusei-me a usar preto e branco e a seguir um lado minimal porque queria quebrar o estilo Bloom, que é uma plataforma que incentiva a experimentação." Com a sua coleção, PATRÍCIA apresenta uma paleta de azul-marinho e toranja. O ponto cruz e as missangas em código braile enaltecem os pormenores que são muito valorizados, assim como o facto de ser tudo feito à mão dando um cunho pessoal às suas peças.

Por outro lado, o trabalho de FII, 20 anos, estudante finalista na ESAD, teve início na experimentação têxtil, com peças apresentadas na Bienal de Arte Têxtil Contemporânea. FII usou os seus conhecimentos na área para criar uma coleção que fosse concretizável, do papel para a passerelle. Sportswear e minimal com silhuetas bem estruturadas, sendo a construção das peças uma mais-valia: os detalhes e os pormenores racionais. Como a própria referiu: "o estilo minimal já é conhecido, mas nas minhas peças apresento uma abordagem detalhada aos bolsos, aos rebites. Um simples bombear que tenha um detalhe próprio das minhas criações salienta o meu estilo e a minha própria personalidade, representada nas minhas peças. O Portugal Fashion apresenta muitos concorrentes e por vezes cai-se no erro de criar coleções muito semelhantes. Tentei distanciar-me disso e manter-me firme à minha estética e ao mesmo gosto. Muito pessoal, muito FII." Realmente denota-se, sendo a sua coleção muito falada por característica únicas e variadas, não havendo um público específico. Uma representação da própria atitude do designer, manifestada na passerelle.



por Patrícia Shim





Undressed: A Brief History of Underwear
Até 12 de Março de 2017
Victoria & Albert Museum



Undressed: A brief history of Underwear

texto por Joana Teixeira

O Museu Victoria & Albert (Londres) despiu-se de preconceitos para receber a exposição *Undressed*. A exposição, curada por EDWINA EHRMAN, que explora séculos de uma relação íntima entre a moda e a roupa interior, além de narrar visualmente a história da roupa interior desde o século XVIII até ao presente, coloca em debate questões de sexo, género e moral. O Museu V&A transporta-nos numa tour intimista recheada de espartilhos, crinolinas e ceroulas, através dos quais viajamos até às antigas cortes com a opulência dos seus vestidos, passando pelas silhuetas de ampulheta da época Vitoriana e pela era “New Look” introduzida pela Dior em 1947, com as suas cintas, corpetes e saiotas para figuras elegantes e esbeltas.

O universo masculino também colocado a nu, onde, entre ceroulas e meias-calças, acompanhamos a evolução do guarda-roupa íntimo dos homens. *Undressed* destapa a história da lingerie feminina e masculina até à era contemporânea, desde os tempos em que o homem vestia calças debaixo de calças e a mulher não vestia nada. O Museu V&A convida também todos os curiosos a apreciar a beleza íntima de figuras como KATE MOSS, DITA VON TEESE e até a mãe da Rainha Vitória. *Undressed* promete despir preconceitos visuais até 12 de Março de 2017.



Sr. Prudêncio

texto por Henry Sequeira

www.senhorprudencio.com

A marca SENHOR PRUDÊNCIO, criada por JOÃO PEDRO FILIPE (35 anos) foi lançada em 2010, como se de um laboratório de design se tratasse. A sua inovação a nível de design provém da pesquisa acentuada na forma como os sapatos eram feitos “antigamente” tendo no seu avô, também sapateiro, a principal influência. A indústria do calçado tem sofrido grandes inovações e é aí que SENHOR PRUDÊNCIO usa o design como elemento de ligação entre a estética vintage e as técnicas de execução contemporâneas. Com o selo *Made in Portugal*, a pele e o couro são os materiais de preferência, sendo as cores variadas, de acordo com a estação. Em 2012, apenas dois anos após a inauguração da marca,

SENHOR PRUDÊNCIO ganhou o prémio de British Council's Young Creative Fashion Entrepreneur Award, estreando nesse mesmo ano a coleção na London's Fashion Week. A marca, apesar de ter origem no Porto, alcançou um mercado internacional, sendo reconhecida pela excelência e qualidade para com o seu cliente, que segundo o próprio JOÃO se denota como “um homem urbano com bom gosto.”

Iniciando-se na área do calçado e depois acessórios, SENHOR PRUDÊNCIO inaugurou recentemente a sua loja online, com planos para abrir o estúdio a público e ainda lançar uma linha de vestuário.

André veste t-shirt Cheap Monday,
jardineiras Asos, sapatilhas Converse
The Chuck Taylor All Star II

André Mendes

Dançar em busca da identidade

texto por MM

fotografia por Carlota Andrade
styling por Sérgio Simões
make-up por Cristina Cottinelli



“Tenho alguns maneirismos e abordagens que ao longo dos anos já começam a ser identificáveis” mas “ainda não encontrei a minha verdadeira identidade enquanto artista.”

ANDRÉ MENDES tem 25 anos e nasceu em Vila Nova de Famalicão. Quando aos 13 anos começou a mostrar interesse pela dança, provavelmente ninguém diria que ia ser o bailarino e criativo de sucesso que é. A sua carreira enquanto intérprete de Dança Contemporânea começou enquanto estava no ensino secundário/profissional no Balleteatro. Em 2012 (no último ano de estudos) teve a oportunidade de trabalhar com

VICTOR HUGO PONTES no espetáculo *A Ballet Story* –“emblemático sob o ponto de vista da Dança em Portugal”, como descreve ANDRÉ MENDES, ainda hoje é apresentado ao público. Este projeto foi a rampa de lançamento para ANDRÉ MENDES que, entretanto, já trabalhou com diversos criadores nacionais –NÉ BARROS, MARIANA TENGNER BARROS, JOCLÉCIO AZEVEDO, TÂNIA CARVALHO, LUÍS GUERRA –o fizeram aprender a trabalhar em processos criativos, contextos e linguagens diferentes. Agora além de intérprete, é também criativo e tem os seus próprios projetos, onde procura a multidisciplinidade e

novos estados de presença em palco da parte dos seus intérpretes. Em maio estreou *Hector*, no Festival DDD – Dias Da Dança, a segunda instância de um díptico mitológico sobre a *Iliada* de Homero e que iniciou com *Trojan Horse* (2015).

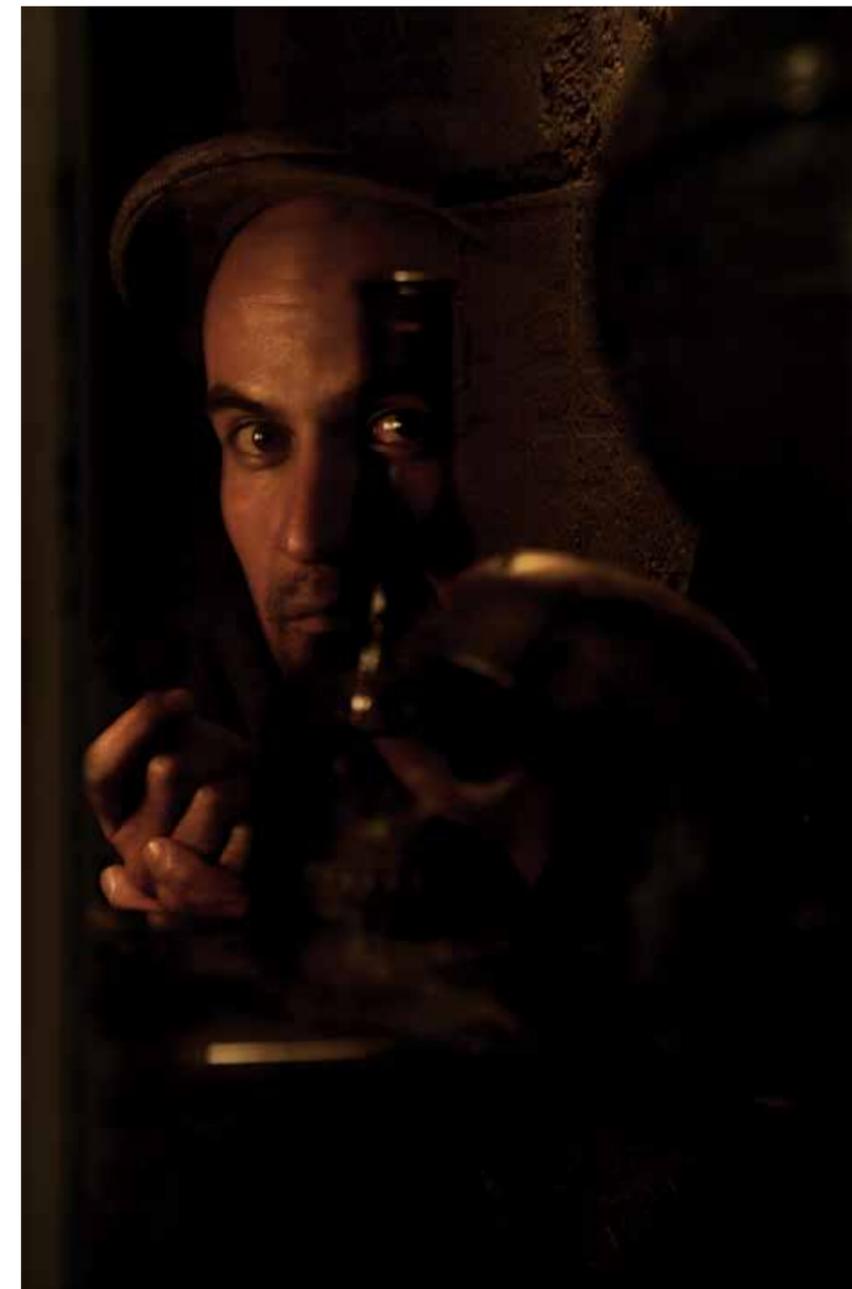
Portugal e a dança?

“Quando penso nesses dois tópicos, creio que ainda há um longo percurso a seguir para uma melhor integração desta mesma na sociedade, através de uma maior visibilidade sobre o que é feito, especialmente por criadores nacionais dentro do seu próprio território.”

Nuno Barracas

Mergulhar naquilo que gostamos

texto por António Pereira Ribeiro
fotografia por Pedro Mineiro



NUNO BARRACAS olhou para sua obra e viu que era boa. “Ao longo do tempo fui reunindo material e pensei: porque não expor?” É a partir desta feliz epifania que nasceu a Mostra *Mergulho Nu* – Nuno Barracas, aberta ao público na Biblioteca Municipal de Telheiras, entre 27 de maio e 26 de junho. Aqui, poderemos compreender até onde a paixão pela colagem levou NUNO BARRACAS. “Encontrei sempre ao folhear livros, revistas e jornais, material interessante que poderia ser reutilizado; por vezes imagens, noutras a informação relatada. E decidi agir, trabalhar com as ideias que ficam no ar, agarrá-las.” Da crítica à

actualidade, das discretas homenagens às figuras inspiradoras, esta exposição revela também a vontade de retribuir a um espaço e a uma comunidade o que muito significam para o artista. “Passei muitas horas a ler sinopses para requisitar filmes ou livros, isto em diferentes bibliotecas da cidade. Sinto agora o dever de corresponder com um pouco de aquilo que fui adquirindo e não há sítio melhor que ser no bairro onde crescemos. De Telheiras para o Mundo.” Trata-se de um verdadeiro convite à imersão na persona criativa de NUNO BARRACAS. Na conversa com o PARQ, NUNO não escondeu o seu entusiasmo

pela oportunidade de mostrar o seu trabalho, tendo subvertido inclusive o cliché mais famoso da NASA. “Houston we don’t have any problem!”, rematou. De facto, quando se faz o que se gosta, não há mesmo nenhum problema.



Made in France

texto por Francisco Vaz Fernandes

A LE COQ SPORTIF lançou esta temporada dois modelos premium totalmente produzidos em França. Os modelos *R LCS* e *Court MIF* vão ter edições limitadas produzidas na pequena fábrica de Cleón, na Bretanha, que em geral apenas consegue assegurar pequenas encomendas especiais onde o tempo e a mestria no manejo dos materiais se tornam essenciais para produção de um produto de qualidade superior. Produzidos em nobuk e nylon, estes modelos estão disponíveis em preto e nas três cores da identidade da marca, o vermelho, branco e azul.



Bold

texto por Francisco Vaz Fernandes

www.marni.com

MARNI lança nova coleção de óculos de sol de inspiração vintage que acompanha os princípios que estão na base da marca italiana. Formas e padrões estão vincados com cores saturadas.

Day Trip to Chic

texto por Maria São Miguel

www.martonecycling.com

É a marca de bicicletas de que se fala desde que passou a ser a preferida na indústria da moda. KARL LAGERFELD e OLIVIER THEYSKENS usam a *Martone*, criada pelo brasileiro LORENZO MARTONE, para se deslocarem em Paris. O grupo Chic Outlet Shopping também desenvolveu uma longa ação com as coloridas *Martone* sob o lema “*Day Trip to Chic*”, promovendo a ideia do



uso de bicicletas como um meio de transporte ecológico. O que a distingue? Os seus detalhes, que levaram os fãs a vê-la como sendo uma Fashion Bike. Para o criador residente em Nova Iorque, onde apenas via preto, foi quase instintivo pensar num filtro de cor que está nos ínfimos pormenores. Para muitos um produto de passerelle que combina com looks feitos para impressionar.



Birkenstock

texto por Maria São Miguel

A notoriedade da BIRKENSTOCK –marca alemã que desde os anos 60 cria calçado e respeita a fisionomia natural do pé– é já inquestionável em todo o mundo. Nesta Primavera/ Verão volta a surpreender com uma coleção que traz como novidade as cores néon e metalizada, apelando ao público jovem e urbano.





Less is More

texto por Francisco Vaz Fernandes

A IPANEMA estabeleceu uma parceria com o designer francês, Philippe Starck, para a criação de um calçado minimalista a pensar numa jovem que gosta de moda. Elegância e leveza distinguem a coleção da marca, que é verdadeiramente multifuncional, podendo ser usado tanto num momento descontraído de praia quer num acontecimento mais social. Possui 4 modelos diferentes e em 12 cores que, combinadas somam 48 opções dos tons neutros a cítricos, incluindo o branco, o preto, o amarelo ácido, o laranja, o rosa e o transparente.

Bon Voyage

texto por Francisco Vaz Fernandes

A L'OBJET, marca de luxo especializada em peças de decoração de interiores, fundada há pouco mais de 10 anos em Nova Iorque, lançou a sua primeira linha de fragrâncias para casa. Os *Parfum de Voyage* são uma coleção de expressões aromáticas criadas a partir de óleos e essências naturais e que receberam como batismo referências a destinos e a números: *Thé Russe* (nº 75), *Mamounia* (nº 28), *Jasmine D'Inde* (nº 6) e *Eau D'Égée* (nº 3). Por enquanto são quatro velas com um aroma incrível e que procuram capturar um momento inesperado de uma viagem.

Exclusivo na Candles – A Fire in My Heart, 21PR Concept Store
Praça do Príncipe Real, 21 Lisboa

Beauty

texto por Maria São Miguel



Look Real

Desde que CK criou a primeira linha de maquilhagem, teve sempre como princípio uma abordagem à beleza muito simplificada, baseada na naturalidade para além da dramatização. Lança agora um novo produto, que é um verdadeiro três em um. Numa única fórmula sintetiza um sérum, pré-base e base, apoiando-se numa tecnologia que trata os pigmentos com uma tripla camada de aminoácidos e que imita a pele para um acabamento radioso, fácil e natural durante mais de 11 horas.

ppv 30,70€



Tradição Italiana

Chegou a versão Eau de Toilette de Trussardi Donna: uma fragrância histórica que remete aos ícones da marca dos anos 80, agora mais fresca, provocadora, oriental e floral. Uma tradição consolidada pela combinação de frutas, flores e madeiras.

Eau de Toilette 30ml, ppv 43 Euros

Eau de Toilette 50ml, ppv 62 Euros

Eau de Toilette 100ml, ppv 84 Euros



Noir Couture

A Givenchy estende o conceito de catwalk para as pestanas. São três máscaras baseadas nas mais importantes semanas da moda: Paris, Nova Iorque e Tóquio. Cada uma delas assegura pestanas com um volume exagerado e uma extrema definição. Para completar, um look Rock-Chique, muito ao estilo Givenchy. A marca recomenda ainda as fabulosas sombras Ombre Couture com tonalidades metálicas, cobre, dourado e prateado.

Ombre Couture (Silver Custo / Gold Custo / Bronze Custo) ppv 24,50 euros

Noir Couture Waterproof / Volume ppv 34 euros



Sauvage Escape

Inspirada em travessias do deserto, a YSL propõe para este verão uma coleção com esquemas de cor entre tons de azul aos dourados. Destacamos os Sahariennes Bronzing Stones, um pó em creme com textura ultra fina. São três tons para uma pele luminosa e sem brilho: a Couture Palette Collector oferece um azul denim gasto ao sol, um rosa resplandecente e vários tons de bege para esculpir o olho. Por fim, o Gloss Voluté brinda-nos com dois novos tons com brilhos metálicos e efeito natural 3D. Um (nº54) em rosa pálido e outro (nº55) mais vibrante com matizes de pedras preciosas.

Sahariennes Bronzing Stones, ppv 51 euros

Couture Palette Collector, ppv 64 euros

Gloss Voluté, ppv 30 euros



^Pepe Jeans



^Hunter



^Andy Warhol by Pepe Jeans



^Merrell



^Fred Perry



^New Era



^Cheap Monday



^Urban Outfitters



^Diesel



^Le Coq Sportif



Levis



^H&M



^Gas Bijoux v



^Pepe Jeans



^Cheap Monday



^G-Star



^H&M



^Levis



^Dr Martens



^Lacoste Live



^Dockers



^Pepe Jeans



^All Star II



^Kangol



^Merrell



^Ipanema x Philippe Starck v



^Boss



^Gas Bijoux



^Celine





Beyoncé

texto por Rui Miguel Abreu

E se em vez de Kanye, Hillary ou, cruzes credo, Trump, tivéssemos Beyoncé na Casa Branca?

Lemonade pôs o planeta inteiro a falar, a pensar e a agir. Dir-se-ia que o primeiro passo do plano de BEYONCÉ foi cumprido exemplarmente. O novo disco da rainha pop saiu sem aviso e a mulher que há uns meses agitou as águas com “*Formation*” bateu uma série de recordes: 12 temas no top e tornou-se a primeira artista a conseguir atingir o lugar nº1 do Top. Com seis álbuns consecutivos, prepara-se para gravar BOB MARLEY com os PEARL JAM (!!!). Nada mau para quem parece ter feito do seu novo álbum uma carta aberta ao marido infiel.

Lemonade aterrou após o choque do inesperado desaparecimento de PRINCE. E há, obviamente, uma ligação entre o génio de Minneapolis e a Rainha Bey: ambos perceberam que a música, mesmo a pop –ou talvez deva antes escrever “sobre tudo a pop”– pode ser uma ferramenta de superação, não apenas um emprego, mas uma plataforma de mudança e transformação. Dos artistas, mas também de QUASE todos.

Já chorámos PRINCE, agora é o dia seguinte. Olhemos para BEYONCÉ a quem o mundo ofereceu, de facto, alguns limões. E quando tal acontece, a melhor solução é mesmo fazer limonada. Já se tinha percebido em fevereiro passado que Bey não está para os ajustes e que não devemos contar com ela para ser uma simples estrela pop a cantar canções de açúcar, descartáveis. “*Formation*”, que fecha *Lemonade*, é um chamamento para que toda uma geração se erga acima do que dela se espera. A mensagem de empowerment do tema que BEYONCÉ estreou no intervalo do Super Bowl já foi dissecada, mas nem esse autêntico terramoto pop nos deixou preparados para o que nos traz este *Lemonade*.

O álbum é uma carta aberta a JAY-Z, um aviso claro, um ultimato. BEYONCÉ usa o formato da canção pop não como uma terapia ou uma mera crónica do seu casamento, mas como um manifesto, uma declaração que pretende ser o primeiro passo de uma revolução de costumes: numa América onde a herança cultural afro-americana representa um fardo que nem todos conseguem carregar, Bey parece dizer “basta” ou, como se ouve em “*Sorry*”, um redondo “Hell, no!” E esse sonoro “não” é múltiplo: não, BEYONCÉ não se vai limitar a cantar o que lhe meterem à frente preocupada apenas em chegar ao primeiro lugar do top; não, BEYONCÉ não vai ser um cliché na sua vida privada e reduzir-se a um papel subalterno; não, ela não vai fingir que as traições do marido não existiram; não, ela não vai sorrir na foto de família para vender ao mundo uma felicidade que não é real; não, ela não vai deixar que a cor da sua pele a impeça de alcançar tudo aquilo a que ela sabe que tem direito.

As revoluções não passam disso: de gente que diz “não”, de gente que recusa uma ordem pré-estabelecida e que se propõe transformar o mundo. Há revoluções de todos os tamanhos e feitios: sociais, globais, locais ou íntimas. A de BEYONCÉ é esta. Chama-se *Lemonade* e certamente deixou JAY-Z em sentido. Agora imaginem o efeito que estas canções poderão ter sobre todas as meninas de todos os bairros da América e mais além.



PJ Harvey

Com a chegada do nono disco, POLLY JEAN HARVEY revela uma consciência política fora dos seus limites habituais. Conta-nos histórias desencantadas, num tom fotojornalístico, fruto das suas viagens por Kosovo, Afeganistão e Washington D.C., com o fotógrafo SEAMUS MURPHY. O novo disco *The Hope Six Demolition Project* resulta num desafio enquanto artista e pessoa, capaz de derrubar barreiras e crenças. No meio de um cenário desolador, empresta a sua voz a narrativas únicas e perversas da natureza humana dos nossos dias.

Se *Shake England Shake*, o seu último álbum, explora emoções vividas por pessoas no seu país natal durante a Primeira Guerra Mundial, no novo disco, a artista experiencia as histórias que a viagem lhe proporcionou. Associando-se novamente aos seus produtores habituais –FLOOD e JOHN PARISH– este trabalho bem pode ser entendido como uma seqüela do seu disco anterior.

Poesia demolidora

O disco enquanto processo criativo não deverá ser desassociado dos restantes elementos artísticos. As imagens captadas na viagem pela máquina de SEAMUS MURPHY e as palavras recolhidas por PJ HARVEY, já resultaram na publicação de um livro *Hollow of the Han*. No passado mês de Outubro foram apresentadas ao vivo algumas faixas, bem como alguns dos poemas, sob a designação de *Recording in Progress*, numa espécie de instalação de arte.

Torna-se evidente o quanto a palavra é importante na construção deste disco, ainda que muitas vezes a beleza poética encontre algum constrangimento no seu discurso. A poesia existe enquanto denúncia de uma narrativa que é assente também na captação da imagem. A leitura da realidade é captada pela lente da máquina fotográfica e traduz a crueza e o decoro das histórias encontradas.

A música surge como o elo de ligação entre as palavras e as imagens. A melodia constrói a matéria da narrativa orquestrada pela guitarra, por elementos gospel e um poderosíssimo saxofone. E depois há a inconfundível voz de HARVEY, narradora desta imensidão de emoções.

A sua carismática voz e os coros assumidos por vozes masculinas, acompanhados por precursões fortes, determinam o tom protestante e militar de canções como *“The Ministry of Defence”*, *“Near the Memorials to Vietnam and Lincoln”* e de certa forma *“River Anacostia”*. Contudo, nesta última, o

recurso à Soul atribui à melodia uma espécie de prece, como se apelasse a uma divindade a sua proteção ou auxílio.

Às páginas tantas também a canção *“The Orange Monkey”*, obedecendo à premissa básica do espírito militarista, culmina num tom esperançoso, provavelmente devido à sua métrica, assemelhando-se mais a um hino fraterno do que propriamente a uma contestação.

A percepção da artista de um mundo povoado pela degradação da vivência humana chega-nos em *“The Community of Hope”*. Este retrato é experienciado no bairro de Anacostia, em Washington, e descreve uma população zombie, de drogados e escolas degradadas, apelidadas de: *“buracos de merda!”*.

A importância da melodia enquanto estrutura corpórea da mensagem é determinante no disco. Se em *“Medicinals”* o saxophone segue a letra numa dança harmoniosa, já em *“The Ministry of Social Affairs”* lidera os trilhos da canção e determina o grau de emotividade, encorpando-lhe a alma num casamento perfeito entre elementos Blues e Jazz.

“A Line in the Sand” denuncia o que a experiência desta viagem produziu na cantora: o que viu, o que sentiu e o que experienciou mudou a forma como via a humanidade. Quase que em extremo oposto, enquanto posicionamento da artista face às imagens captadas, o tema *“Chain of Keys”*, coloca a cantora como vigilante impotente das histórias que a cercam.

O single mais próximo dos ambientes criados outrora pela cantora, *“The Wheel”* é inspirado na sua viagem ao Kosovo. Paira sobre a cidade o espectro da morte das crianças durante a guerra. Embora esteja embrenhado na medula do povo, aqui esta e outras histórias, que foram captadas pela artista, sugerem que o desespero é cíclico. Sugerem que um povo aprende que uma tragédia é esquecida, e de certa forma superada, quando outra tragédia acontece.

Precisamente no final do disco, a cantora torna-se narradora ativa em *“Dollar, Dollar”*. Cai a máscara da personagem observadora e coloca a máscara da personagem participante. Assume-se como a pessoa que está dentro do carro que atravessa Cabul e onde uma criança lhe pede dinheiro, arranhando o vidro do carro onde a artista segue a viagem sentada. É provavelmente a canção onde denuncia mais desesperadamente a sua impotência perante uma situação devastadora. Como se ali tomasse consciência de que afinal nada de diferente estava a fazer para mudar ou solucionar o mundo. Ali verbaliza a questão do que poderia ela fazer perante tamanho desalento?

The Hope Six Demolition Project tem um travo político, contestatário e reprovador, sem nunca avançar com soluções. Mas seria esse o propósito? O disco distancia-se até quase ao infinito do universo interior da artista. Longe estão os seus demónios interiores, os seus amores perdidos, musas de inspiração para a sua discografia, sobretudo durante os primeiros álbuns de carreira. Ao nono disco, a cantora trás para a sua consciência o universo ao seu redor. Para talvez encontrar tantos ou mais demónios quantos habitavam em si. E se aparentemente vingou na sua batalha interior, parece que esta batalha gigante travada com o seu universo em redor, ainda mal começou.



texto por Francisco Vaz Fernandes
fotografia por Carlota Andrade

Jovens Encenadores

Há procura de um palco

Cada geração traz esperanças e angústias, sonhos e revoltas ao qual o teatro não é indiferente, porque a grande vontade de contar novas histórias e explorar novas tensões individuais e sociais acaba por ser o seu motor. Há em Portugal projetos novos que ainda arriscam na criação de companhias: espaços periféricos que as apresentam e muita coisa nova para ver, pelo menos nas grandes cidades. Uma parte da história desta geração portuguesa passa por estes três novos encenadores, DANIEL GORJÃO, JOÃO PEDRO MAMEDE e TIAGO VIEIRA.

Tiago
Vieira



TIAGO VIEIRA com casaco do Parque Mayer oferecido por MARIA JOÃO ABREU, usado em todos os espetáculos.

Já conta com mais de 26 espetáculos encenados para diversos palcos, num percurso que apenas começou há seis anos. Encena porque lhe apetece construir encontros e lugares, mas quem o procura, começa pela Latoaria –uma velha fábrica na Mouraria que funciona como uma espécie de coworking ocupado por diferentes artistas. TIAGO VIEIRA sente-o como um verdadeiro espaço de experimentação onde as suas ideias podem ir mais longe sem o peso dos programadores que têm o monopólio do que é ou não válido.

Parq:

És um jovem, há algo de novo que importa trazer ao teatro?

Tiago:

Sempre que começo a pensar num novo espetáculo, a minha preocupação nunca é aquilo que eu quero trazer de novo, mas sim aquilo que existe de particular nos performers com quem trabalho em relação com as questões que no momento são para mim uma verdadeira obsessão. Procuo um trabalho que desenvolva uma ideia de identidade. A originalidade de um trabalho não está no conceito mas na forma como

se encara o seu processo. Interessa-me que o corpo ganhe a radicalidade de um conceito, em que a exaustão destrua a forma, em que a literatura e a filosofia possam habitar com acontecimentos de gosto duvidoso.

P:

Como escolhes os teus textos. Quais são os principais critérios?

T:

Os meus trabalhos nem sempre começam a partir de um texto. Muitas vezes, surgem do desejo de trabalhar determinado autor com o qual estabeleço uma relação de identificação. Também já usei textos escritos por mim. Para mim, um texto tem tanta importância como qualquer outro elemento do espetáculo. O texto não tem supremacia.

P:

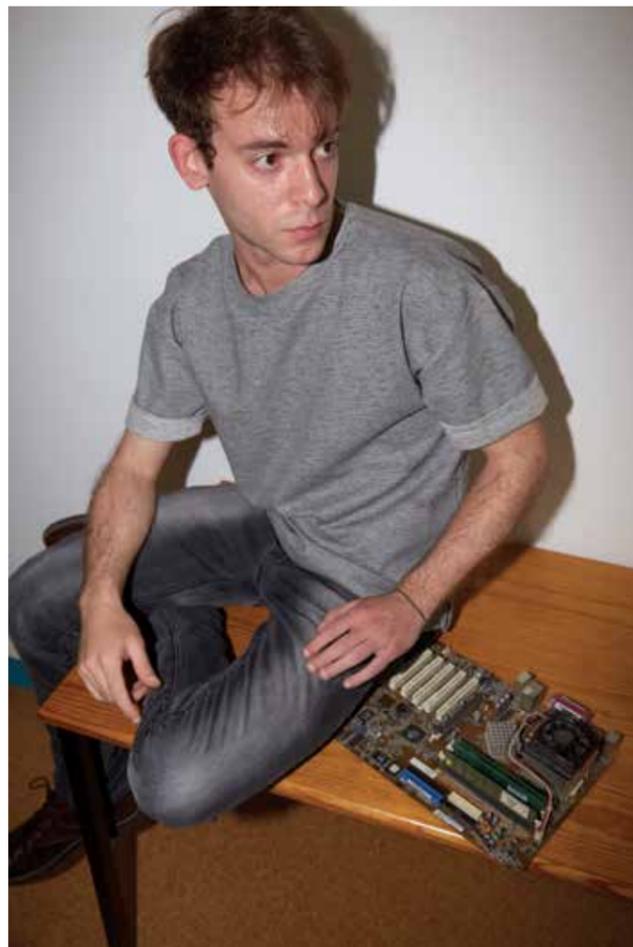
O que é que ainda não fizeste e que gostarias de fazer?

T:

Um espetáculo sobre a *Ilíada* e a *Odisseia* de HOMERO. Um espetáculo a partir das fotografias de NAN GOLDIN.

João

Pedro



JOÃO PEDRO MAMEDE com peça de cenário de ÂNGELA ROCHA para o espetáculo *Rapsódia Batman*

Mamede

Aos catorze anos, JOÃO PEDRO MAMEDE descobriu o teatro a partir do “ensino da linguagem do espetáculo” administrado por FRANCIS SELECK na Cena Múltipla. O que foi pensado como sendo uma forma de ocupar algumas horas de sábado à tarde em Almada, despertaram uma vontade de mais tarde frequentar o Conservatório de Teatro. Desde 2012, os artistas Unidos têm sido um lar e JORGE SILVA MELO um dos seus principais impulsionadores, atribuindo-lhe com regularidade papéis nas peças que são trazidas ao Teatro da Politécnica. Paralelamente, criou a sua própria companhia, OS POSSESSOS, onde interpretou e encenou dois textos escritos por si: *Rapsódia Batman* e *II - A Mentira*. Aos 24 anos é apontado como um dos atores e encenadores proeminentes da sua geração.

Parq:

És um jovem, há algo de novo que importa trazer ao teatro?

João:

O teatro foi-me apresentado como um lugar de fraternidade, espaço para o tempo e para as palavras, onde tudo é possível.

Criar um espetáculo é acreditar num conjunto de possibilidades, num grupo de pessoas, nas palavras que se põem no espaço. Se pensares no teatro como interrupção da vida quotidiana –deslocaste até uma sala e sentas-te para ver o que é que vai acontecer– estás a arriscar. Esse risco que corres no teatro é precisamente o que o torna interessante. Arriscas-te a apanhar uma grande seca mas também pode acontecer passares a olhar para o mundo de outra forma. É isso, um sítio de onde vês o mundo, a vida ao quadrado.

J:

Encenar implica passar o que está no teu espaço mental para o espaço físico, para os atores. Até agora, encenei dois textos que escrevi para OS POSSESSOS (*Rapsódia Batman* e *II - A Mentira*) e correu muito bem, mas o próximo ainda é uma incógnita. A subversão de um sistema e a ficção política continuarão a fazer parte da cena, mas ainda não sei o que será.

Daniel
Gorjão

DANIEL GORJÃO com calças da peça *Ninguém Se Ouve, Ninguém Se Vê*, no teatro da terra

Desde cedo, DANIEL GORJÃO aspirou uma carreira no ballet, mas foram certamente as aulas de expressão dramática da professora HELENA AZEVEDO que o levaram a olhar para o teatro. O Politeama em 2003, ofereceu-lhe a primeira oportunidade de se afirmar no meio profissional garantindo-lhe seis anos que lhe trouxeram a maturidade suficiente para que um dia tentasse experiências mais pessoais. Encenar foi a opção e o prémio, *Emergentes* do TNDMII, logo no início foi um incentivo que o levou a encenar até hoje onze peças das quais destaca, *Que o dia te seja Limpo* e *Radiografia de um Nevoeiro Imperturbável*. Fundou o TEATRO DO VÃO em 2012 do qual é diretor artístico.

Parq:

És um jovem, há algo de novo que importa trazer ao teatro?

Daniel:

O novo que posso levar ao teatro é apenas a minha forma de pensar e de fazer, cada criador tem a sua novidade pela forma como aborda o teatro e os temas que pretende comunicar. Há

uma procura estética de cruzamento disciplinar que me interessa, que pretendo continuar, que não sendo nova é a minha singularidade estética.

P:

Como escolhes os teus textos. Quais são os principais critérios?

D:

Quando escolho um texto, escolho porque ele me pode servir para falar de um determinado assunto, vai ser uma ferramenta para perceção do objeto que pretendo criar. Não escolho texto como o princípio e fim do objeto, pelo contrário, são a palavra, por vezes o ponto de partida mas nunca o ponto de chegada.

P:

Porquê encenar?

D:

É um espaço que me permite pensar, criar, coordenar uma equipa, falhar sem que tenha medo disso, o que me faz evoluir pessoalmente e profissionalmente.



WOLFGANG TILLMANS (1968, Remscheid, Alemanha) já tem um lugar eterno entre os fotógrafos mais influentes desta época. Com estreia absoluta em Portugal, o artista exibiu em Serralves de 30 de janeiro a 25 de abril deste ano, “*Paisagens Verticais*”: captações únicas da luz, apelando à onnipresença do céu, da água, da terra, do ar. Datadas de 1995 até à atualidade, elas próprias assumem-se como o pacto do artista com a fotografia e a imaterialidade.

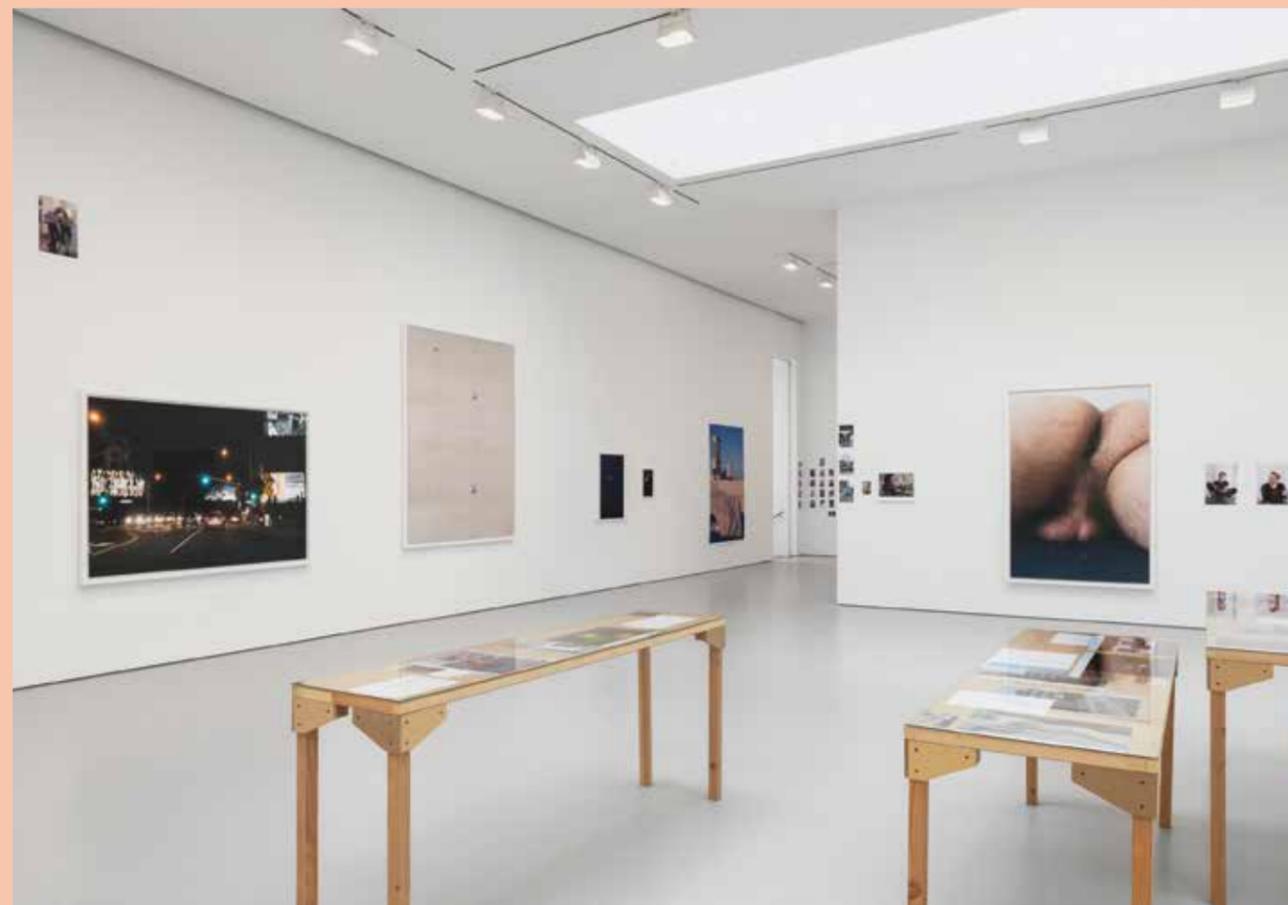
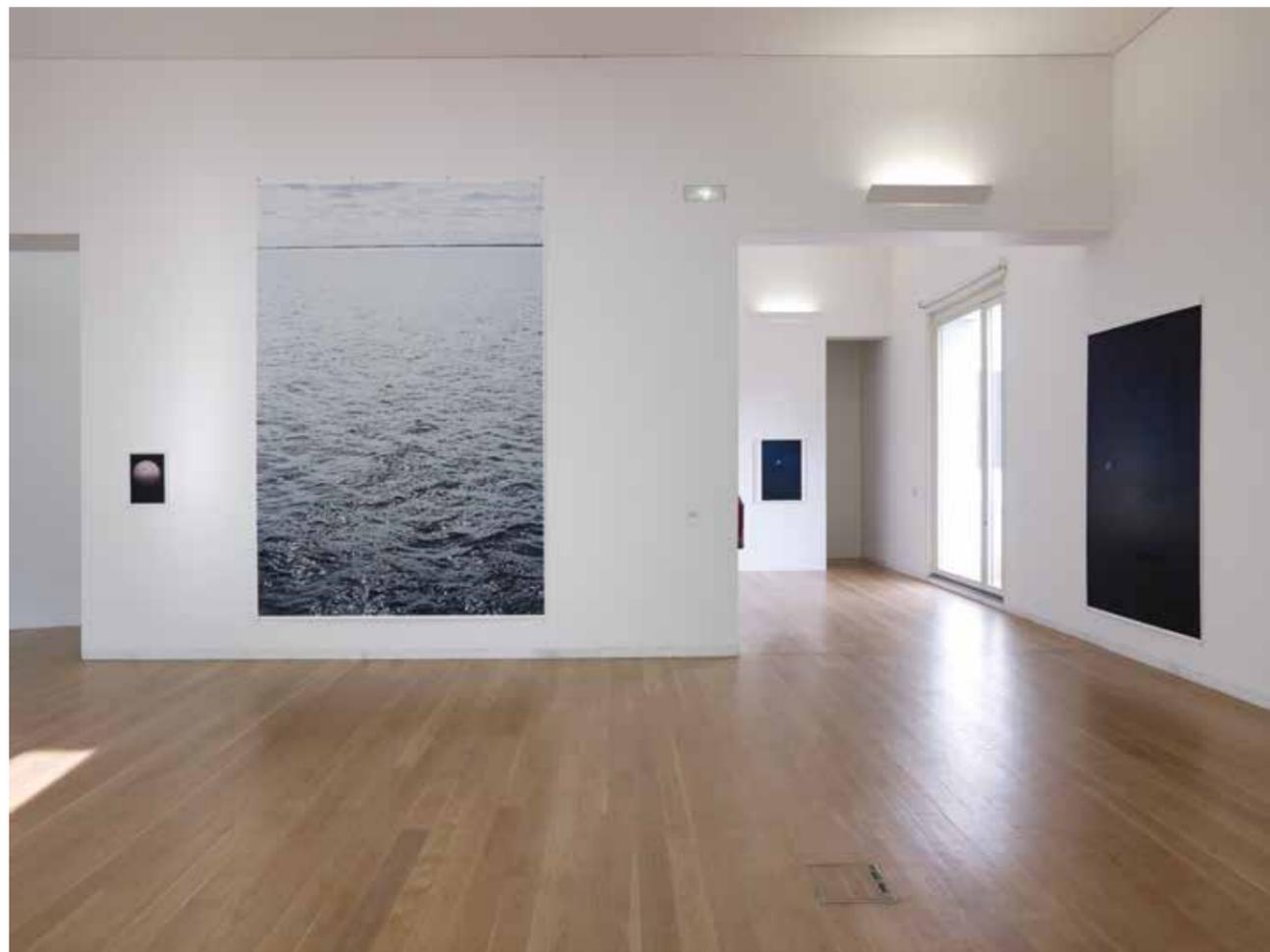
“*A photograph always lies about what is in front of the camera, but never about what is behind it*”, afirma numa entrevista ao The Guardian. Operando entre ambientes imersivos, WOLFGANG TILLMANS não questiona também a casualidade das coisas. Ou será que o faz? Em “*Paisagens Verticais*”, cada captação torna-se épica pela forma subtil como se apresenta ao olhar do observador, ora horizontal, ora na sua verticalidade. No fundo, não querendo distanciar-se de outros pela sua distinção, é nesse momento que Tillmans traduz toda a sua potencialidade.

A sincronização com o presente tem sido a principal fonte do seu trabalho desde a sua primeira exibição, em meados dos anos 90. Hoje, utiliza a realidade para além da suas conceções mais acessíveis: interessa-lhe o registo orgânico, o espaço cósmico, a energia abstrata, subliminar e fenomenal da natureza, o lugar como um todo.

Através de um estilo reconhecido, cada imagem surge como uma espécie de experiência narrativa do que está prestes a ser captado. TILLMANS encoraja a captação, deixando o objeto desempenhar o seu próprio papel, naturalmente.

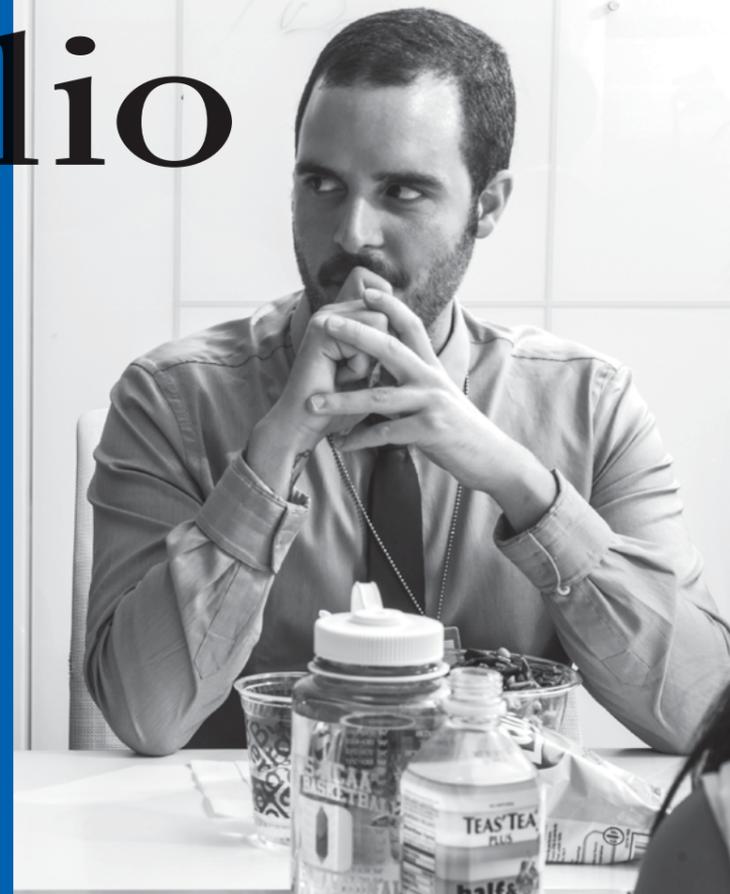
Preenchido por conexões, TILLMANS não evita a relação evidente entre a experiência pessoal, visual e política. Assim, a imagem de um sumo congelado de melancia a derreter-se num prato de porcelana chinesa (ver “*The overlooked details of everyday life ... Watermelon still life*”, 2011), descreve a veneração quase reverencial aos detalhes negligenciados da vida quotidiana, enquanto a captação da comunidade LGBT dos EUA à Rússia, apresenta-se como uma evocação de devaneio interior e um vislumbre de uma cultura gay outrora próspera, agora sob um estado de ameaça cada vez mais repressiva.

Wolfgang Tillmans



Amado

Braúlio



A pedalar, de preferência, BRAÚLIO AMADO chega diariamente ao centro de Manhattan para mais um dia de trabalho na Businessweek magazine, considerada pelo mundo dos negócios como a bíblia semanal. Para este jovem art-director de 29 anos, que ganhou destaque pela liberdade de espírito e carácter experimental com que aborda a ilustração e o design gráfico, são cerca de 30 minutos desde Brooklyn, bairro onde reside. Pouco tempo, considerando que Nova Iorque é de certa forma uma grande aldeia onde as novidades chegam rapidamente ao centro mesmo quando alguém está na periferia. Por isso, as soluções estranhas e improváveis depressa passaram a ser comentadas e premiadas. Perguntas como “How high were you when you did this?” nunca o retraíram, até porque ainda ninguém conseguiu relacionar efeitos de inconsciência com carácter surrealista que gosta de explorar com abuso de ingestão de pizzas. Há 6 anos a residir em Nova Iorque, BRAÚLIO AMADO é mais um caso de sucesso de um português lá fora, com o qual o grupo norte-americano de comunicação Bloomberg conta para a renovação da Bloomberg Businessweek. Qualquer questão, betteremailbraulio.com

Parq:

Hoje é sexta-feira, tens planos para esta noite?

Braúlio Amado:

Fui ver um concerto ontem e cheguei bastante tarde a casa – acho que não estou para grandes aventuras hoje (e comecei a ver o *Walking Dead* portanto tenho 6 temporadas pela frente).

P:

Como seria para ti um excelente início de fim de semana?

BA:

Varia sempre. Nova Iorque é uma cidade rica em eventos e coisas para se fazer. Há sempre concertos, Djs a tocar, exposições a inaugurar e festas a acontecer. Às vezes é complicado decidir por onde optar mas em geral, quando tenho dúvidas opto invariavelmente por um concerto.

P:

Há alguma sala de música que sintas que seja a tua casa?

BA:

Havia um sítio chamado DEATH BY AUDIO onde me sentia perfeitamente. Era um espaço alternativo e DIY onde alguns artistas de Brooklyn tinham o seu atelier. Infelizmente o edifício foi destruído e a atual construção é ocupada pelos escritórios da Vice. Como hoje em dia faço os cartazes e outro tipo de criatividades para a GOOD ROOM, este clube tornou-se a minha segunda casa. Dão-me trabalho para desenvolver muito regularmente e acabo que me deslocar até acertar alguns pontos. Neste caso, nem sempre é uma questão de opção musical, mas ainda assim, é duvida um dos melhores sítios para se sair à noite.

P:

Até onde se pode dizer que a música influencia o teu trabalho criativo?

BA:

Influencia bastante. Aliás uma parte do trabalho que desenvolvo é para o mundo da música embora trabalhe diariamente nas áreas da economia e dos negócios.

P:

Mas existe uma linguagem gráfica para um cliente do universo da música ou é indiferente, trabalhares para uma área criativa ou uma área financeira?

BA:

Completamente diferente. Os cartazes e capas de discos têm uma componente mais experimental. Procuo que estejam inseridos dentro de uma certa estética tendo por base o estilo de cada uma das bandas envolvidas. O mundo económico pede obviamente outro tipo de linguagem. Apesar disso, na BUSINESSWEEK, revista de negócios para a qual trabalho semanalmente como Art Director, encontro bastante liberdade para experimentar, especialmente quando falamos de coisas que são muito difíceis de visualizar. Há um trabalho conceptual maior que faz com que a linguagem gráfica seja mais livre dando-nos oportunidade em arriscar em coisas mais estranhas e parvas que por norma não fazem parte do vocabulário de uma revista de negócios.

P:

E qual foi a capa ou cartaz que te deu mais gosto fazer?

BA:

Gostei de fazer a capa do novo disco dos PAUS (“Mitra”). O processo de trabalho foi interessante. Basicamente, depois de ter chegado a um acordo com a banda sobre o conceito/ideia a desenvolver, imprimir em tecido algumas ilustrações que

faziam sentido para este projeto. Posteriormente chamei um fotógrafo de NYC, o DAVID BRANDON GEETING que tem um estilo que admiro bastante. Já tinha pontualmente trabalhado com ele na BUSINESSWEEK, mas desta vez podia-lhe dar uma maior liberdade para explorar e desenvolver a nossa temática. Normalmente trabalho sozinho mas foi ótimo desenvolver algo em equipa, especialmente quando estás com alguém de quem és fã. E claro, também gosto muito da música da banda, o que facilita igualmente tudo.

P:

E qual foi o trabalho que te trouxe mais notoriedade?

BA:

Talvez o lettering para o NEW YORK TIMES MAGAZINE. Foi a partir daí que comecei a fazer ilustrações e design para outras revistas. Entretanto ganhei o prémio Young Guns do Art Directors Club NYC e isso fez com que as coisas se agitassem um pouco mais. Agora desde que estou a fazer posters para o GOOD ROOM, passei a receber mais propostas de outros clubs, promotores e de bandas, o que tem sido bastante excitante. Continuo expectante sobre o que mais poderá vir aí.

P:

O que é que poderia ser agora a cereja no topo do bolo em termos de realização pessoal?

BA:

Gostava bastante de fazer uma ilustração para uma Skateboard. Mais exposições. Também gostaria de fazer mais vídeos para bandas.

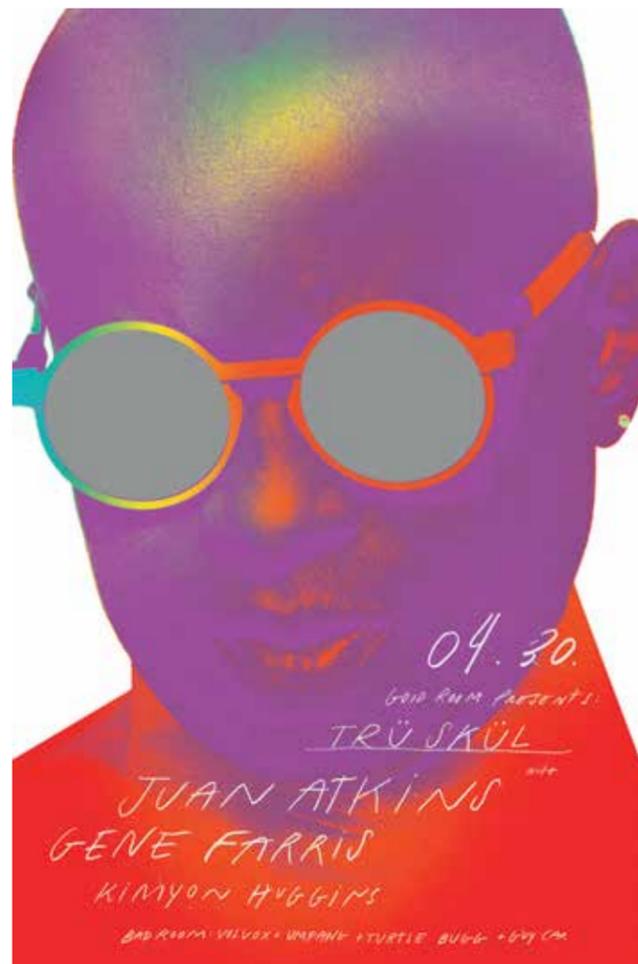
P:

Não sabia que fazias vídeos. Como surgiu essa vontade? Consideras um complemento à ilustração e ao trabalho gráfico ou algo à parte?

BA:

Completamente à parte. Por enquanto, tem sido brincadeiras e experiências, normalmente em colaboração com o meu namorado que é artista e trabalha regularmente com vídeo. Juntos, já fizemos videoclips para os PAUS, JIBÓIA, PAPAUA. Contudo o que foi mais visto foi este projeto www.betteremailbraulio.com





P:
Já vi, bastante divertido. Consegues ganhar algum cliente com este tipo de cartão-de-visita do teu trabalho, ou é apenas um momento de humor para aquecer as encomendas dos clientes antigos, daqueles que já gostam do teu trabalho?

BA:
Na verdade eu fiz o "Better Email Braulio" só por brincadeira, mas entretanto andou a rolar por blogs e hoje em dia tem mais de 10,000 visualizações no youtube. Recebi umas quantas propostas de trabalho, acredites ou não, mas na altura já estava a trabalhar full time aqui na revista. Semanalmente ainda recebo um ou dois emails de alguém a dizer que viu o vídeo e quer só mandar um olá por piada.

P:
Como vez a evolução do teu trabalho desde que começaste a receber propostas até este momento?

BA:
Acho que tenho evoluído de uma forma meio esquizofrénica, mas num bom sentido. Desde que comecei a fazer design, passei um pouco por todo o lado, agências de publicidade, branding, jornais, revistas de arquitetura, vídeo, música, ilustração, um mix gigantesco que me permitiu um grande conhecimento de meios. Conheci muita gente, tive oportunidade de partilhar muitas ideias novas e abrir a cabeça para coisas diferentes. Isso reflete-se agora no meu trabalho. Daqui para a frente não sei qual será o caminho, mas a piada está exatamente nisso.

P:
Não tens medo do futuro? Consideras-te uma pessoa confiante e positiva?

BA:

Positiva sim, confiante depende dos dias. Já se sabe que nas áreas criativas o futuro será sempre incerto porque tudo muda rapidamente. Eu trabalho numa revista semanal impressa em papel, o que é por si um risco gigante numa altura em que se está tudo a virar para o digital. Alias, já toda a gente se virou para o digital. Mas, é também esse risco que faz com que tente pensar em coisas novas e reinventar o suporte em que trabalho.

P:

Já colaboraste em alguns revistas portuguesas em papel que poucos passos deram. Como vez o futuro digital no teu meio?

BA:

Não tenho nenhum problema com o formato digital, apenas não sei programar como deve ser para me aventurar. Desde que experimentei o VR Headset que ando fascinado com o que se anda a desenvolver e o campo de possibilidades que são abertas. Penso que isso seja o próximo Big thing do futuro.

P:

Tens alguém que consideres que tenha sido fundamental no teu percurso?

BA:

Mencionar apenas uma pessoa é complicado, mas sem dúvida começava pelo FILIPE GIL que me deu o meu primeiro emprego no Myspace Portugal, e posteriormente me chamou para fazer a revista Arquitectura21. O LUKE HAYMAN da Pentagram, por ter apostado em mim e ter patrocinado o visto que permitiu estabelecer-me em NYC... Bem, há uma extensa lista de pessoas.

P:

Apesar de perceber que continuas a fazer trabalhos para Portugal a tua decisão de emigrar prendeu-se alguma vez ao facto de teres percebido que não havia possibilidade de te maneres no meio criativo português?

BA:

Inicialmente vim para NYC por causa de uma bolsa para acabar o meu último semestre escolar. Daí surgiu a oferta de um estágio e mais tarde seria um trabalho a tempo inteiro. Evidentemente a situação económica de Portugal, no início desta década, também influenciou a minha decisão de sair do país. Parte dos meus amigos já tinham saído nessa altura, por isso quando apareceu esta oportunidade foi quase uma decisão óbvia. Contudo sempre achei que havia em Portugal espaço para desenvolver aquilo que eu faço aqui em NYC, daí ter continuado uma série de projetos entre os dois países. Há um enorme potencial em Lisboa e uma série de pessoas talentosas. Acho que há espaço para toda a gente. Se tivesse que regressar amanhã não iria certamente ficar triste.

P:

E porque nova Iorque e não outra qualquer cidade do mundo?

BA:

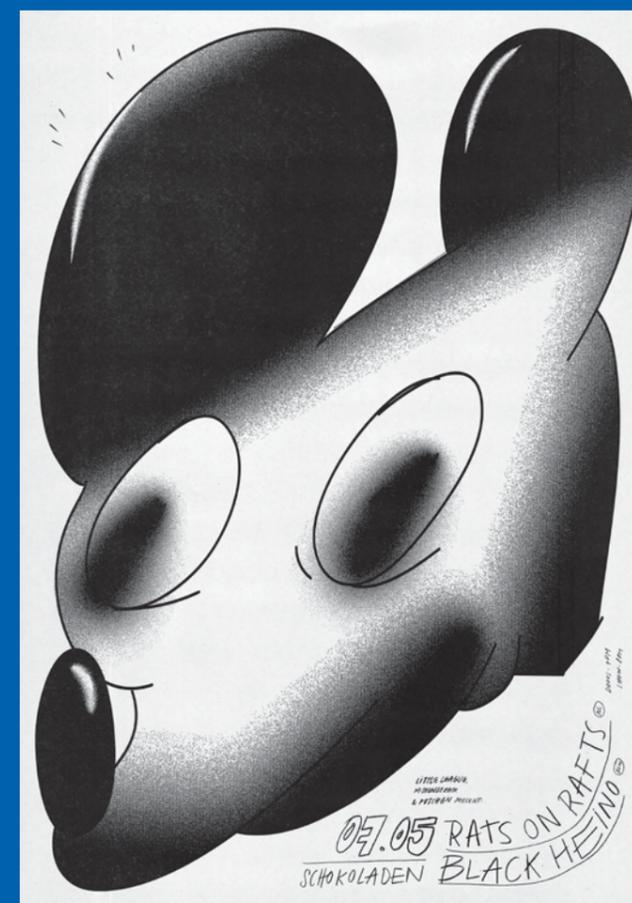
É um cliché, mas Nova Iorque é o centro de tudo. Musica, Arte, Design, Moda, etc., passa tudo por aqui. Tens pessoas de toda a parte do mundo a fazer mil coisas diferentes, de grande interesse e inspiradoras. Impossível para alguém que esteja dentro das artes não ter curiosidade em viver aqui.

P:

Mas qual seria o teu top five de Nova Iorque?

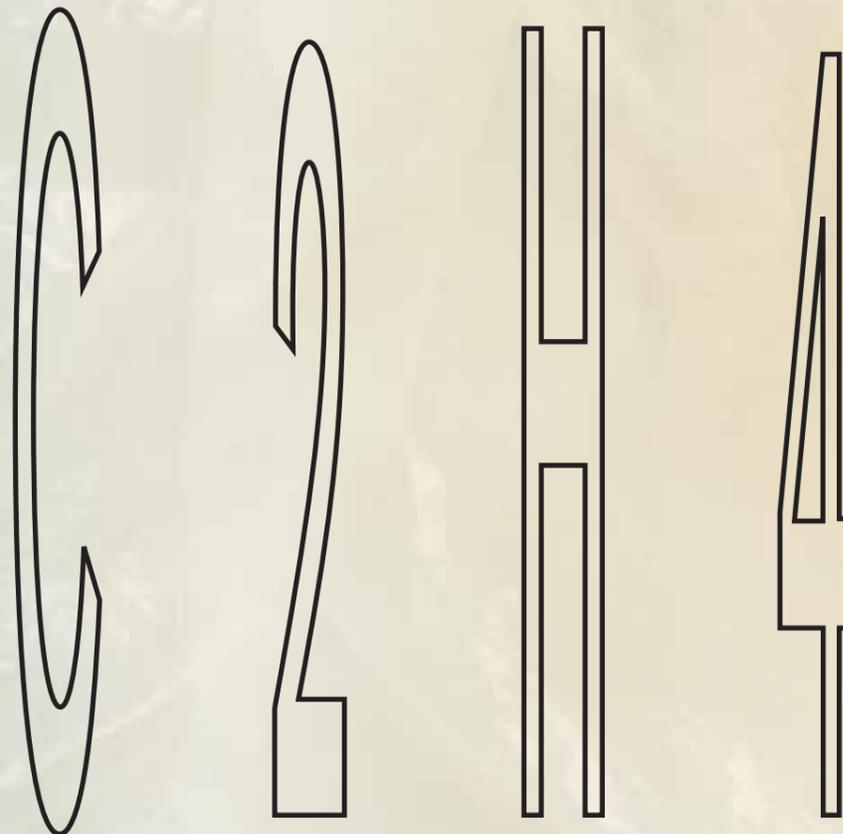
BA:

1 Pizza , 2 Bagels, 3 Burritos 4 Música, 5 Arte



Bernardo
calções F**K
ténis BOOMBAP

Margarida
vestido PINKO
sapatos LEMON JELLY



fotografia por Andy Dyo
styling por Sérgio Simões
make-up por Inês Aguiar

modelos
Bernardo Cascais @ L'Agence
Margarida Piçarra @ Elite Lisbon
Antero @ Blast

Margarida
chocker CHEAP MONDAY
trench coat PINKO
clutch MANGO





Antero
 óculos de sol ANYWAY
 camisa BILLABONG
 calças NADIR XAVIER

Margarida
 brincos CHEAP MONDAY
 casaco GLUEN
 bikini top BILLABONG

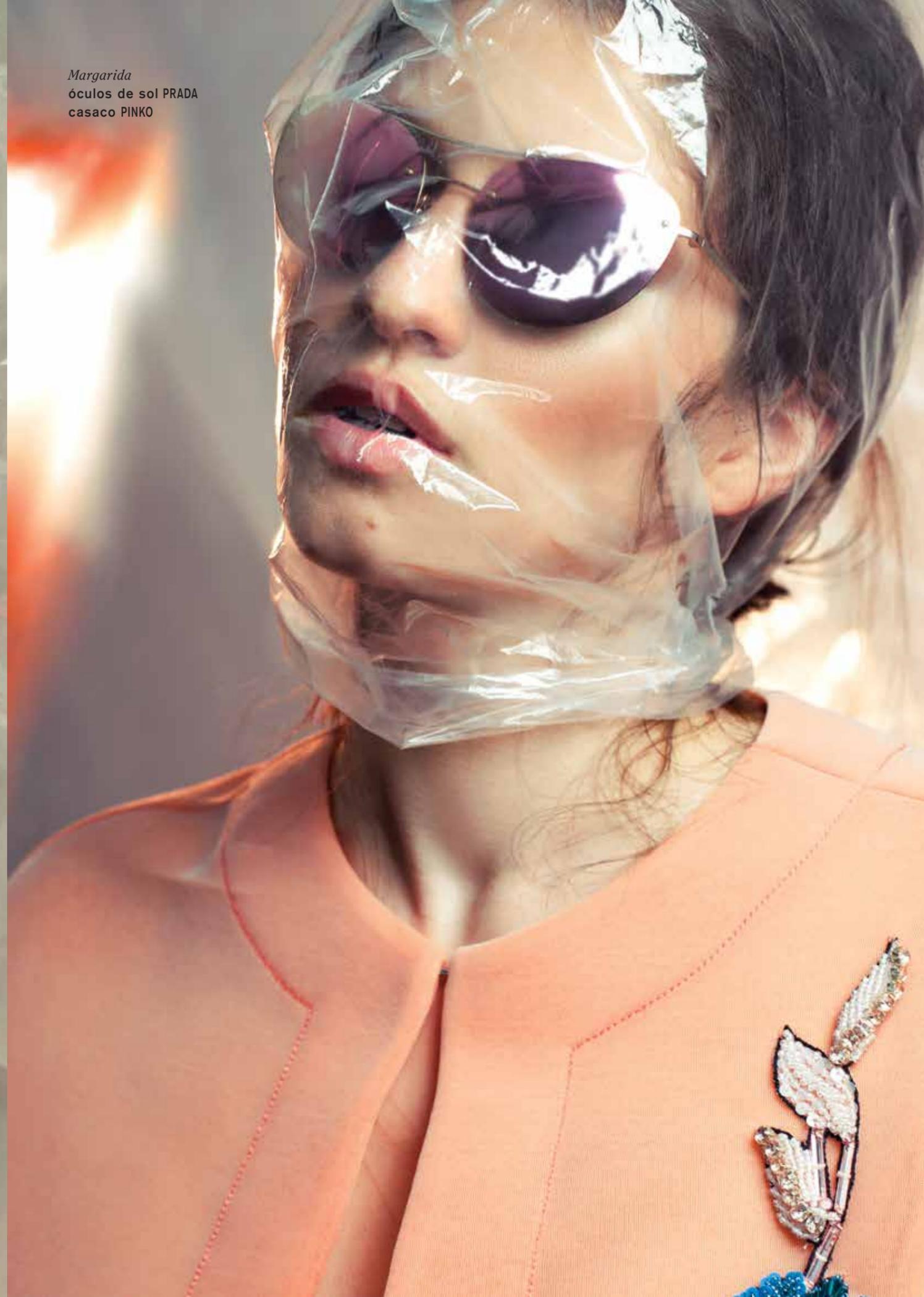
Bernardo
 colar VALENTIN
 QUARESMA



Bernardo
casaco NADIR XAVIER
calças ELEMENT



Margarida
óculos de sol PRADA
casaco PINKO



Tang

Time

fotografia por Ismael Prata
styling por Daniel Baptista
 Ribeiro & Joana Borges
make-up por Paulo Varela
hair por Paulo Varela com produtos Joico

modelos @ L'Agence
 Kristina & Dukin

Agradecimentos: Restaurante Dinastia Tang

Kristina
 casaco H&M
 soutien + calças COS



Kristina
 polo LACOSTE
 vestido TWIN SET
 colete PINKO

Dukin
 fato MIGUEL VIEIRA
 camisa ANTONY MORATO



Kristina
casaco CAROLINA HERRERA
polo LACOSTE
top H&M
calças CHEAP MONDAY



Dukin
fato e cinto COS
camisa GANT





Kristina
 camisa MALENE BIRGER
 vestido TWIN SET
 casaco + brincos H&M
 sapatos ZILLIAN

Kristina
 polo LACOSTE
 vestido + casaco MANGO

Dukin
 casaco PURIFICACIÓN GARCIA
 polo LACOSTE
 macacão CARHARTT





PALÁCIO CHIADO

Rua do Alecrim n° 70, Lisboa

*Domingo a quarta-feira, 12h00-00h00
Quinta-feira a sábado, 12h00-02h00*

Há vida no Palácio

texto por Sara Bernardino

Era uma vez, um Palácio do século XXI numa rua acidentada com vista para o Tejo. Outrora, este edifício teria sido palco de festas de duques, um museu, uma casa e quartel de um general francês, uma escola e até, fugazmente, o Grémio Literário. Mesmo depois de todas as suas vidas passadas, a agenda do n° 70 da Rua do Alecrim continua agitada. Foi a partir de Abril que este voltou a reencarnar, agora sob a forma de PALÁCIO CHIADO. Os conceitos gastronómicos incluem hambúrgueres, petiscos e sushi. Já os dois bares (um em cada piso) servem espumante e uma série de cocktails criados para honrar a história do Palácio, como o Farrobodó ou o À Grande e à Francesa. Há noite há DJ's a animar as refeições.

Menu Shiin

texto por Francisco Vaz Fernandes



O Sushi Bar do Restaurante BICA DO SAPATO tem novidades. O espaço reservado à cozinha nipónica oferece às quartas-feiras um novo conceito de degustação quase às cegas, com menu de três, cinco ou sete pratos. A ideia é manter a originalidade de uma cozinha de fusão que já os caracteriza com o que há de mais fresco no momento. Usuzukuri de salmão, Taquitos de Spicy Tuna, Ceviche de Peixe Branco com um toque de puré de batata doce são algumas das atrações que se pode degustar. Para os mais clássicos, não falta um Mix de Sushi e Sashimi, sem maioneses ou queijo creme. Todos os menus incluem a oferta de um cocktail e têm os seguintes valores: Degustação de três pratos, 25€; degustação de cinco pratos, 32€ e degustação de sete pratos 39€.

BICA DO SAPATO

*Av Infante D. Henrique
Cais da Pedra, armazém B, Lisboa*



Daily Day

texto por Francisco Vaz Fernandes

O que é português é bom parece ser a filosofia da DAILY DAY, uma nova loja na baixa do Porto que procura defender os designers de moda portugueses e a produção nacional. São 250m² onde podemos encontrar a marca própria da casa, para mulher e para homem, assim como, LA PAZ, PORTUGUESE FLANNEL,



HUGO COSTA, WOLF & SON, CARLA PONTES, SAYMYNAME, WEEKEND BARBER, ARMINHO, MISHMASH, WOLF & RITA, LIA GONÇALVES, PAULINO SPECTACLES, WE THE KNOT, NOVESTA, LOBO MARINHO, entre outras. Para além de roupa, há espaço para coleções de calçado, óculos e até um corner para uma chapelaria tradicional, que provém de um negócio familiar, desde 1897. A criatividade vive-se neste espaço e, como tal, não deixaram de estender o seu espaço a exposições e concertos pontuais que ajudam a construir a dinâmica que se procura para este novo espaço de referência no Porto.

DAILY DAY

Praça Humberto Delgado, 263, Porto



Bop Café

texto por Henry Sequeira

BOP CAFÉ

Rua da Firmeza, 575, Porto
09h30 às 01h00. Sexta e Sábado, até às 02h00.
Sábado e Domingo, a partir das 10h30.

Localizado na Rua da Firmeza, entre o Mercado do Bolhão e o Siloauto, o BOP Café é um dos novos espaços a frequentar no Porto. Não só porque tem um grande letreiro vintage em lâmpadas na entrada, ou associado à Lovers&Lollipos Records, mas é o primeiro café do Porto onde o cliente pode escolher a música que quer ouvir. Literalmente. Para além da variada seleção das melhores cervejas e menus brunch ou almoço deliciosamente apelativos, o BOP Café está equipado com três gira discos e uma enorme coleção de vinhos, que em harmonia com a arquitetura em madeira do espaço permitem ao cliente sentir-se em casa, ao som de uma boa música.



Fred Perry

texto por Maria São Miguel

Em fevereiro, o Norte Shopping abriu uma nova loja Authentic da Fred Perry. São 80 m2 decorados com o característico tijolo das edificações londrinas que se tornou uma imagem de marca das lojas oficiais da Fred Perry. Mais um espaço no Porto a oferecer a linha completa de homem e mulher da Authentic, assim como todas as edições especiais que surgem de colaborações com a marca.

THE WORLD'S BEST SIPPING VODKA*



NEVER ENJOYED DRINKING VODKA STRAIGHT?
YOU'VE NEVER TRIED ELYX.**

ABSOLUT ELYX
DRINK WITH INTEGRITY

SEJA RESPONSÁVEL. BEBA COM MODERAÇÃO.
www.bebacomcabeça.pt

SEARCH AND ENJOY*

MERRELL[®]
DO WHAT'S NATURAL



THE DUSKAIR

SOLA M SELECT™ GRIP COM PADRÃO MERRELL E SOLA INTERMÉDIA
M SELECT™ MOVE COM AMORTECIMENTO RESPONSIVO,
PARA TRACÇÃO E CONFORTO EM AMBIENTES NATURAIS E URBANOS.

* Procura e Desfruta